

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO – LINHA DE FORMAÇÃO ESPECÍFICA EM
COMÉRCIO EXTERIOR

FRANCIANI FERNANDES

AS EXPRESSÕES DE EMPODERAMENTO FEMININO NO NÚCLEO DE
INCLUSÃO PRODUTIVA DOS CLUBES DE MÃES

CRICIÚMA

2015

FRANCIANI FERNANDES

**AS EXPRESSÕES DE EMPODERAMENTO FEMININO NO NÚCLEO DE
INCLUSÃO PRODUTIVA DOS CLUBES DE MÃES**

Monografia apresentada para a obtenção do grau de Bacharel em Administração, no Curso de Administração Linha de Formação Específica em Comércio Exterior da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC.

Orientador(a): Prof.(a) Msc. Gisele Silveira Coelho Lopes

CRICIÚMA

2015

FRANCIANI FERNANDES

**AS EXPRESSÕES DE EMPODERAMENTO FEMININO NO NÚCLEO DE
INCLUSÃO PRODUTIVA DOS CLUBES DE MÃES**

Monografia apresentada para a obtenção do grau de Bacharel em Administração, no Curso de Administração Linha de Formação Específica em Comércio Exterior da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC.

Criciúma, 13 de Maio de 2015

BANCA EXAMINADORA

Prof. Gisele Silveira Coelho Lopes – Orientador – (UNESC)

Prof. Dra. Cristina Keiko Yamaguchi – (UNESC)

Prof. Dra. Melissa Watanabe – (UNESC)

RESUMO

FERNANDES, Franciani. **As expressões de empoderamento feminino no Núcleo de Inclusão Produtiva dos clubes de mães.** 2015. 44 páginas. Monografia do Curso de Administração – Linha de Formação Específica em Comércio Exterior, da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC.

As “lutas” por igualdade de direitos entre gêneros têm obtido resultados e conquistas que contribuem para o processo de evolução da inserção feminina no mercado de trabalho e na sociedade (LIMA *et al*, 2010). As expressões de empoderamento se dão em diversos âmbitos, podendo ser individual ou coletivo e nas esferas sociais, políticas e psicológicas (SOUSA; MELO 2009). Este trabalho retrata as expressões de empoderamento feminino no Núcleo de Inclusão Produtiva dos clubes de mães do município de Içara-SC, investigando a trajetória de vida dessas mulheres empreendedoras. Quanto aos fins de investigação, esta pesquisa teve caráter exploratório e descritivo. Sobre os meios de investigação, se aplica ao de caráter bibliográfico e pesquisa de campo. Foram realizadas entrevistas com 18 mulheres que fazem parte do Núcleo de Inclusão Produtiva da cidade de Içara, SC. A técnica de coleta de dados utilizada foi por um roteiro semi-estruturado constituído por 34 perguntas. As entrevistas foram gravadas com duração média de 40 minutos. Visto que as perguntas eram abertas, a pesquisa possui caráter qualitativo, permitindo que as mulheres entrevistadas tenham maior abertura e compartilhem suas opiniões e conhecimentos facilitando a compreensão das expressões de empoderamento. Essas expressões foram sendo percebidas na trajetória de vida, na atuação na família e na comunidade. Sinais de empoderamento ficaram evidentes no âmbito psicológico, que foi tratado sobre motivação e autoconfiança, e no cognitivo quanto ao poder de decisão e limites. As entrevistadas percebem maior inclusão social da mulher, não só com elas, mas observam evolução e mudanças na sociedade que favorecem o gênero feminino como um todo.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Implicações das diferentes dimensões de poder	15
Quadro 2- Dimensões do empoderamento	15
Quadro 3 – Recursos Pessoais.....	16
Quadro 4 – Recursos Empoderamento Comunitário.....	19
Quadro 5- Estrutura da população Alvo	30
Quadro 6- Perfil dos entrevistados	32
Quadro 7- Aprimoramento profissional.....	34
Quadro 8- Participação do Núcleo de Inclusão Produtiva	36
Quadro 9- Administração da vida e da carga horária	40
Quadro 10- Participação na renda familiar	44
Quadro 11- Razões para estar trabalhando atualmente	48
Quadro 12- Participação nas decisões da casa	50
Quadro 13- Independência/liberdade para tomar decisões sozinhas.....	52
Quadro 14- Participação nas ações da comunidade	55
Quadro 15- Áreas de participação na comunidade	55
Quadro 16- Influência na comunidade e na família	56
Quadro 17- Significado de sucesso.....	57
Quadro 18- Mulher e o mercado de trabalho.....	61
Quadro 19- Mulher e a sociedade	63
Quadro 20- Significado de bem estar	64
Quadro 21- Relato de um sonho	66
Quadro 22- Perfil familiar	67
Quadro 23- Significado de família	68

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Estilos Gerenciais	22
Figura 2- Distribuição dos trabalhadores por posição na ocupação, segundo o sexo, em 2003.....	25
Figura 3- Distribuição dos trabalhadores por posição na ocupação, segundo o sexo, em 2011	25
Figura 4- Avanço da mulher – níveis de igualdade	26

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
1.1 SITUAÇÃO PROBLEMA	9
1.2 OBJETIVOS.....	9
1.2.1 Objetivo Geral	9
1.2.2 Objetivos Específicos	9
1.3 JUSTIFICATIVA.....	10
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
2.1 EMPODERAMENTO (EMPOWERMENT).....	11
2.2 EXPRESSÕES E DIMENSÕES DO EMPODERAMENTO.....	13
2.2.1 Empoderamento Individual	16
2.2.2 Empoderamento Político-Social	17
2.2.3 Empoderamento Organizacional	20
2.2 TRAJETÓRIA DA CONDIÇÃO FEMININA NO BRASIL E O EMPODERAMENTO	23
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	28
3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA	28
3.2 DEFINIÇÃO DA ÁREA E/OU POPULAÇÃO ALVO	30
3.3 PLANO DE COLETA DE DADOS.....	30
3.4 PLANO DE ANÁLISE DOS DADOS.....	31
4 ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA	32
4.1 PERFIL DOS ENTREVISTADOS.....	32
4.2 EXPRESSÕES DE EMPODERAMENTO.....	37
4.2.1 Expressões Socioeconômicas	38
4.2.2 Expressões Cognitivas (poder de decisão e limites)	50
4.2.3 Expressões Políticas (inclusão da mulher e seus direitos)	57
4.2.4 Expressões Psicológicas (motivação/autoconfiança)	64
4.2.5 Expressões do Ambiente Familiar (reconhecimento familiar e apoio)	66
4.3 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	69
5 CONCLUSÃO	72
REFERÊNCIAS	74
APÊNDICE(S)	

1 INTRODUÇÃO

Foi a partir da década de 1960 que iniciaram as primeiras inserções femininas num mercado de trabalho cuja predominância de cargos era ocupada por homens. Desde então, a busca por formação, reconhecimento e realização profissional do gênero feminino impulsionaram ainda mais a abertura para participação de mulheres em cargos empreendedores (LIMA *et al*, 2010).

Apesar desta conquista inicial, as mulheres ainda possuem muitas barreiras a serem ultrapassadas com relação à igualdade salarial, abertura para cargos de liderança e a própria mudança de um conceito ainda intrínseco na sociedade de que o gênero masculino estaria mais bem preparado para assumir determinados ofícios. A dupla jornada de trabalho também compromete o rendimento salarial de algumas mulheres que apresentam indisponibilidade de trabalhar em tempo integral devido a compromissos do lar (DIESSE, 2007).

Mesmo considerando esta realidade, vale ressaltar, que as lutas para igualdade de direitos entre gêneros têm obtido resultados e conquistas que contribuem para o processo de evolução da inserção feminina no mercado de trabalho levando em consideração a própria realidade de um mercado mais competitivo (DIESSE, 2007).

Ainda tratando de competitividade de mercado no âmbito organizacional, as empresas têm buscado instrumentos que possam mantê-las funcionando e atingindo bons resultados. O *empowerment* é um desses instrumentos que foi analisado no presente trabalho como estratégia potencializar o empreendedorismo feminino (ARAUJO, 2006).

Este trabalho retrata as expressões de empoderamento feminino no Núcleo de Inclusão Produtiva dos clubes de mães do município de Içara/SC investigando a trajetória de vida dessas mulheres empreendedoras.

1.1 SITUAÇÃO PROBLEMA

A abertura para as mulheres no mercado de trabalho teve e ainda segue um percurso com vários desafios. No passado, as mulheres serviam única e exclusivamente para cuidar dos afazeres do lar. Ao longo dos anos a mulher foi ganhando espaço e foi se inserindo no mercado, nem sempre com a intuição de ganhar sua independência, mas também por necessidade financeira, para sustento da família (DIESSE, 2007).

Muitas transformações ocorreram na sociedade e até na concepção das mulheres sobre elas mesmas. Surgiu um sentimento de querer ser independente, de ter maior controle sobre suas vidas, inclusive no aspecto financeiro. Elas perceberam que podem ser donas dos seus próprios negócios, assumindo os riscos e tomando suas próprias decisões (COSTA, 2008). E neste contexto tem-se a seguinte questão de pesquisa:

Quais as **expressões de empoderamento feminino** no núcleo de inclusão produtiva dos clubes de mães do município de Içara, SC?

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

Conhecer as **expressões de empoderamento feminino** no núcleo de inclusão produtiva dos clubes de mães do município de Içara, SC.

1.2.2 Objetivos Específicos

- a) Identificar o perfil socioeconômico das mulheres do núcleo de inclusão produtiva;
- b) Identificar as variáveis de empoderamento das mulheres do núcleo de inclusão produtiva;

- c) Compreender as razões que impulsionaram as mulheres buscarem novas alternativas de trabalho;
- d) Descrever as trajetórias de vida das mulheres do núcleo de inclusão produtiva;
- e) Descrever a perspectiva profissional das mulheres do núcleo de inclusão produtiva.

1.3 JUSTIFICATIVA

Este estudo objetiva conhecer as expressões de empoderamento feminino no núcleo de inclusão produtiva dos clubes de mães do município de Içara. Torna-se importante atingir este objetivo, pois faz parte de uma transformação para um novo conceito social do gênero feminino. Neste novo conceito a mulher deixa de ser apenas dona-de-casa e torna-se ativa colocando em prática suas ideias, técnicas e habilidades, e usando de sua capacidade empreendedora para gerir novos negócios.

Esta pesquisa é relevante, pois apresenta bibliografias, e aborda sobre as expressões de empoderamento feminino no núcleo de inclusão produtiva dos clubes de mães do município de Içara, agregando conhecimento e contribuindo com a aprendizagem de uma temática inovadora para a pesquisadora, bem como para a universidade que constará em seu acervo.

Além de oportuna, a exploração do atual objeto de estudo apresentou-se viável, visto que a pesquisadora obteve acesso aos dados da pesquisa bibliográfica e coleta de dados e disponibilizou de tempo e recursos financeiros para o desenvolvimento e conclusão do mesmo dentro do prazo estabelecido pelo curso de comércio exterior.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

No presente capítulo será fundamentado teoricamente as temáticas abordadas para melhor compreensão do presente estudo. Com embasamento em diversos autores será conceituado empoderamento e a trajetória das mulheres na sociedade e mercado de trabalho.

2.1 EMPODERAMENTO (EMPOWERMENT)

Deu-se início ao uso do termo empoderamento na década de 1970, principalmente nos Estados Unidos, nas lutas por direitos civis promovidos pelos movimentos feministas e a cidadania conquistada pelos negros (SOUSA; MELO, 2009). Porém, Herriger (2007) afirma que o *empowerment* surgiu muito antes disso e têm suas raízes no século XVI, quando acontecia na Europa os movimentos religiosos e sociais promovidos pelo monge Martinho Lutero na Reforma Protestante.

Segundo Baquero (2012), a Reforma Protestante oportunizou de certa forma um empoderamento por parte da sociedade, pois neste período a Bíblia foi traduzida para dialetos locais e tornou-se mais acessível ao povo. Anteriormente, os poucos manuscritos da Bíblia eram bem guardados nas igrejas e alguns conventos, e eram lidos apenas pela elite religiosa, mesmo porque todas as Bíblias eram em latim - idioma falado pela minoria. Com a tradução, os então “textos sagrados” puderam ser lidos e interpretados pelos fieis tornando-os controladores de sua religiosidade.

Neste sentido, para Baquero (2012) o tema empoderamento não é novo, porém foi nos Estados Unidos, na década de 60, que os movimentos de contestação social atingiram seu auge. As grandes mobilizações contra o sistema de opressão fizeram com que a expressão *empowerment* fosse utilizado por muitos ao fazer referência a liberdade e independência social.

Para Greasley, Brtyman e King (2005), o significado de empoderamento ainda é objeto de debate, mas o termo original pode ser

designado como autorizar, dar poder e que essa definição é comum também para outros autores.

Seguindo essa concepção, Honold (1997) afirma que devido às múltiplas dimensões em empoderamento analisadas por pesquisadores através de diferentes lentes, torna esse conceito difícil de definir. Apesar dessas variações de aplicação, os escritores se debruçam num conceito de autonomia, capacidade dos indivíduos e o desejo de ser atribuídas competências e poderes.

Segundo Baquero (2012, p.2)

O neologismo “empoderamento” está, no entanto, consignado no Dicionário de Língua Portuguesa Contemporânea das Ciências de Lisboa e registrado no Mordebe – Base de Dados Morfológica do Português. O termo é um anglicanismo que significa obtenção, alargamento ou reforço de poder.

Na década de 1920, os estudos de Frederick Taylor, considerado o pai da administração científica, utilizou um método de trabalho que consistia na divisão em pequenas tarefas e o estudo do melhor método em como realizá-las. Embora esta gestão foi bem-sucedida em termos de aumento da produtividade, em contrapartida, sob esse regime houve preocupação com a alienação dos trabalhadores, pois tinham como função apenas a execução enquanto o intelectual e a tomada de decisão se concentrava com a gerência (WILKINSON, 1998).

Sobre esse aspecto humano, o *empowerment* inibe as deficiências vindas dos taylorismo e da burocratização das organizações por provocar a criatividade dos colaboradores e incentivar a participação e autonomia (WILKINSON, 1998).

Pode-se dizer que os argumentos de Maslow - movimento das relações humanas- com o modelo de hierarquia das necessidades, criou base para alguns conceitos de empoderamento nos quais inclui maior participação dos colaboradores na organização, impactando no aumento da motivação e no melhor desempenho de suas funções por satisfazer suas necessidades de crescimento humano e de auto realização (YANG, CHOI, 2009).

Para Oliveira, Marins e Almeida (2010), conceitua-se o *empowerment* como uma mudança organizacional com o objetivo de conceder a responsabilidade de tomada de decisão e autonomia na realização de tarefas aos grupos de trabalho e aos que atuam na linha de frente com o atendimento ao cliente.

Bühler (2011) diz que o empoderamento vem de dentro pra fora, envolve o indivíduo em querer mudar e agir para que a mudança de fato aconteça, e a partir dessas ações é que a pessoa terá empoderamento. O autor ainda ressalta que este conceito se aplica também a um grupo ou a uma organização que busca essa forma de fortalecimento.

Portanto, Wilkinson (1998) também defende que o empoderamento acontece quando o colaborador assume a responsabilidade sobre seu trabalho, cabendo à ele organizar, planejar e controlar suas atividades e quando achar necessário, fazer mudanças para que possa melhorar o fluxo. Caberá também outras funções que geralmente estão associadas a funções gerenciais, como a tomada de decisão.

2.2 EXPRESSÕES E DIMENSÕES DO EMPODERAMENTO

As expressões de empoderamento se dão em diversos âmbitos e podem apresentar distinção nos seus significados. Considera-se sinônimo de emancipação, controle e obtenção de poder. Esse processo de mudança pode ser individual ou coletivo e nas esferas sociais, políticas e psicológicas (SOUSA; MELO 2009).

Para Luttrell e Quiroz (2009), a divisão é feita a nível econômico, social, político e cultural. É interessante que se entenda as transformações das relações de poder nas diferentes dimensões.

Na economia, traz a concepção de que o indivíduo através de suas competências e habilidades consegue obter recursos e renda que garantam sua sustentabilidade e independência financeira (LUTTRELL; QUIROZ, 2009).

Referente ao âmbito político, o empoderamento envolve desenvolver competências que possam provocar alguma mudança no meio social através de análise prévia do sistema, seguida de organização e ação (PAZ, 2006).

Na prática, os indivíduos saem de uma zona de impotência e agregam poder em prol de projetos coletivos, associando-se a sindicatos, partidos políticos e movimentos sociais, expressando suas opiniões, ideais e projetos (KLEBA; WENDAUSEN, 2009).

Ao conceituar *empowerment*, Rowlands (1997), também faz dimensões dos seguintes tipos de poder: *power over* (poder sobre); *power to* (poder para); *power with* (poder com); e *power within* (poder dentro).

- a) O *power over* (poder sobre) é a capacidade de influenciar e coagir e implica na evolução dos recursos subjacentes e poder para desafiar limitações. É algo exercido por aqueles que são dominantes e pode ser dado por uma pessoa em outra. Envolve o aumento de poder de um indivíduo sobre outro, enquanto um ganha espaço, conseqüentemente o outro perde.
- b) O *power to* (poder para) é organizar e adaptar as hierarquias existentes, aumentando a capacidade individual e as oportunidades de acesso. Este acontece quando uma pessoa assume outras responsabilidades com entusiasmo, fomentando um poder que possibilita ações e mudanças com um tom não dominador.
- c) O *power with* (poder com) é o poder de ação coletiva e consiste no aumento da solidariedade para desafiar os pressupostos subjacentes. Este poder compartilhado gera grandes resultados, pois todos no grupo expressam suas opiniões e buscam juntos melhorias e soluções frente aos desafios vivenciados.
- d) O *power within* (poder dentro) é o aumento da consciência individual onde este provoca o desejo de mudança. Este poder interno está ligado ao psicológico do indivíduo no que se refere à autoestima e autoconfiança. Quando a pessoa exerce essas

qualidades ao realizar suas atividades, resistirá com mais facilidade o poder de outros.

Rowlands (1997) ainda conclui que o *power to* (poder para), *power with* (poder com) e *power within* (poder dentro) além de aumentar o poder da pessoa individualmente, também estimula o poder total, ou seja, de todos os envolvidos.

Quadro 1- Implicações das diferentes dimensões de poder

Tipo de relação de poder	Implicações para a compreensão de empoderamento
Poder Sobre: capacidade de influenciar e coagir	Mudanças nos recursos subjacentes e poder para desafiar restrições
Poder De: organizar e alterar hierarquias existentes	Aumento da capacidade individual e oportunidades de acesso
Poder Com: aumento do poder de ação coletiva	Maior solidariedade para desafiar os pressupostos subjacentes
Poder de Dentro: aumento da consciência individual	Aumento da consciência e vontade de mudança

Fonte: Rowlands (1997, p. 13)

Neste trabalho o *empowerment* é dividido em três níveis diferentes e vai ao encontro à concepção defendida por Baquero (2006), que afirma que os níveis de empoderamento se refere ao individual, organizacional e político-social.

Quadro 2- Dimensões do empoderamento

Empoderamento Individual	
Dimensões	Autores
Expressões Cognitivas (decisão e limites)	Haque (2011); Carvalho (2004); Kleba e Wendausen (2009); Costa (2008).
Expressões Psicológicas (motivação/autoconfiança)	Malhotra <i>et al.</i> (2002); Carvalho (2004); Kleba e Wendausen (2009); Yang e Choi (2009); Baquero (2012).
Empoderamento Político-Social	
Expressões Socioeconômicas	Haque (2011); Costa (2008).
Expressões Políticas (inclusão da mulher e seus direitos)	Baquero (2012); Carvalho (2004); Kleba; Wendausen, (2009).
Expressões do Ambiente Familiar (reconhecimento familiar e apoio)	Kawaguchi (2014); Haque (2011);
Empoderamento Organizacional	
Grupal ou organizacional	Franco e Lima (2010); Wilkinson (1998);

Parolin e Albuquerque (2009); Baquero (2012); Yang e Choi (2009); Mills (1996); Souza e Melo (2009).
--

Fonte: Elaborado pela acadêmica Franciani Fernandes (2015).

2.2.1 Empoderamento Individual

Segundo Carvalho (2004) a definição para *empowerment* psicológico é traduzida como um sentimento que o indivíduo tem de administrar sua própria vida. Mesmo pertencendo a diferentes grupos, por exemplo, família e amigos, ele sente maior controle sobre suas vontades e tomada de decisões.

O empoderamento individual ocorre quando surgem situações em que o indivíduo necessita usar seu poder, tendo ele que sair de sua zona de conforto e submissão e desenvolver suas habilidades e confiança (KLEBA; WENDAUSEN, 2009).

Um dos principais aspectos desse nível individual (ou psicológico) é quando a pessoa muda sua mentalidade e consegue ter a percepção de suas forças, habilidades e competências. Essa transformação desenvolve uma atitude positiva e de autoconfiança que também é fundamental para enfrentar adversidades e novos desafios no cotidiano (KLEBA; WENDAUSEN, 2009).

Haque (2011) também afirma que expressões cognitivas, a qual o indivíduo tem maior poder de decisão, impacta diretamente nas suas expressões psicológicas, ou seja, os sentimentos de motivação e a autoconfiança aumentam.

Para Kleba e Wendausen, (2009, p.7) alguns recursos pessoais fomentam o processo de empoderamento:

Quadro 3 – Recursos Pessoais

Recursos Pessoais
1) a capacidade de relacionamento: empatia, sensibilidade e abertura na comunicação para com as expectativas, os desejos e os interesses dos outros;
2) a capacidade de construir e manter laços de amizade e confiança; respeito em relação aos outros; capacidade de aceitar críticas e de solucionar os conflitos com equilíbrio (acrescentamos enfrentar os conflitos);
3) autoaceitação e convicções pessoais: sentimento de autovalorização; crença na validade dos objetivos e valores pessoais de vida;

4) convicção interna de controle: compreensão do caráter histórico do entorno e das condições de vida; crença na capacidade própria de intervenção;
5) postura ativa frente a problemas: enfrentamento de desafios do entorno e busca de soluções visando o alcance de objetivos;
6) adaptação flexível a situações de ruptura de vida: capacidade de integrar mudanças inesperadas em um projeto de vida abrangente;
7) abertura: capacidade e disposição em sinalizar para outros a necessidade de ajuda em situações de crise, solicitando apoio social sem causar sobrecarga.

Fonte: Kleba; Wendausen, (2009, p.7)

Diante do Quadro exposto em que apresenta os recursos pessoais que impulsionam o processo de empoderamento, são abordados fatores que não se limitam apenas a aspectos individuais, como: autoconfiança, auto aceitação, flexibilidade, mas envolve outros recursos que vem do indivíduo e que também afetam o próximo, por exemplo, criar relações de confiança, ser empático, respeitoso, e saber aceitar críticas.

Malhotra (2002), também aborda alguns recursos pessoais como essenciais para o reforço do empoderamento psicológico, que envolve autoestima, bem estar, e auto eficácia, ou seja, a convicção que uma pessoa tem de ser capaz de realizar determinada tarefa.

Percebe-se que a abordagem psicológica enfatiza a percepção dos colaboradores com respeito as suas habilidades, a sua motivação intrínseca, envolvendo também seus sentimentos e sua perspectiva individual (YANG; CHOI, 2009).

Baquero (2012, p. 5) faz utilização de um termo norte-americano que expressa essa ideia de empoderamento psicológico. Nessa cultura o progresso vem do desenvolvimento de poderes e noções individuais, [...]“orientada para o *self made man* (o homem que se faz pelo seu próprio esforço pessoal)”.

2.2.2 Empoderamento Político-Social

No âmbito comunitário, é considerado empoderamento quando as decisões tomadas por parte dos indivíduos de unidades domésticas possam influenciar seu futuro e conseqüentemente a comunidade onde está inserido. Os indivíduos participam não só nas decisões particulares, como também nas

coletivas, quando participam de assembleias, ações, movimentos e projetos sociais (CARVALHO, 2004).

Para Carvalho (2004) o empowerment comunitário é um processo onde os indivíduos, passam a ter voz ativa, ao passo que gradativamente as barreiras sociais que limitam o empoderamento vão perdendo força. Com isso, a inclusão social ganha destaque, e os envolvidos aumentam sua participação política podendo contribuir para a melhoria na qualidade de vida na comunidade.

Baquero (2012) cita que na compreensão freireana não existe uma libertação individual, pois a libertação é um ato social em que o indivíduo que atingiu a liberdade individual, pode provocar transformações na sociedade que crie base para a libertação dos outros. Uma das maneiras de chegar à libertação é através da educação que promove conhecimento e conscientização crítica da realidade onde impulsiona mudanças.

Carvalho (2004) ainda apresenta que o empoderamento comunitário da mulher atinge distintas esferas da vida social. Em sentido individual, são citados microfatores que envolve o sentimento da pessoa sobre ela mesmo, chegando ao grau de independência, autoconfiança e autoestima. Na mesosfera social, a coletividade compartilha de conhecimentos e faz um intercâmbio de experiências que ampliam horizontes e a capacidade crítica de casa um. Já no nível macro, outros dois fatores da estrutura social que exercem influência são o estado e a macroeconomia.

Portanto, o ato de governar e controlar seu próprio destino, exige dos indivíduos que compõe a comunidade o desenvolvimento de competências já abordadas no microfatores, requer também a capacidade de análise crítica do meio social e político em que está inserido, para então propor melhorias e mudanças políticas e sociais (KLEBA; WENDAUSEN, 2009).

O governo é o sujeito essencial na criação de um ambiente favorável que permita a participação ativa dos cidadãos nas decisões políticas, desenvolvendo estratégias que criam oportunidade de empoderamento, tendo

como responsabilidade também a transparência nos seus atos e a divisão igualitária dos recursos para as comunidades (KLEBA; WENDAUSEN, 2009).

Kleba, Wendausen (2009, p.9) faz a citação de alguns dos recursos que o empoderamento comunitário abrange:

Quadro 4 – Recursos Empoderamento Comunitário

1) Capital econômico:	Renda, habitação, acesso a bens de consumo;
2) Capital cultural:	Conhecimento/informação, capacidade de reflexão e análise sobre a realidade, formação e identidade profissional;
3) Capital simbólico:	Crenças, adesão a valores, regras e normas sociais e religiosas, prática ética;
4) Capital ecológico:	Grande liberdade em relação à escolha e concepção da moradia em equilíbrio com o entorno.

Fonte: Kleba, Wendausen (2009, p.9)

Percebe-se no Quadro 4, alguns fatores sociais que potencializam o processo de *empowerment* político-social.

No gênero feminino o empoderamento individual também ocorre quando as mulheres se desprendem do sistema patriarcal e conseguem maior independência econômica (COSTA, 2008).

Para Haque (2011), ter certa independência econômica é um componente fundamental para o processo de autonomia. Isso não significa que toda a renda familiar e decisões devam vir da mulher para que se possa dizer que ela tem empoderamento. Porém, o que faz a diferença é que as decisões sobre os assuntos financeiros do lar sejam compartilhadas e não fique só a cargo do marido. A mulher pode reduzir sua subordinação aumentando seu controle sobre os recursos, ajudando a suprir as necessidades básicas familiar, e por ter uma renda própria.

O suporte da família também influencia na diminuição de dependência. As mulheres se sentem encorajadas pela compreensão e apoio que recebem dos familiares e a boa comunicação entre os membros também facilita (KAWAGUCHI, 2014).

Sobre a família, Haque (2011) também menciona a importância das mulheres participarem no planejamento familiar juntamente com os outros

membros da família. Estar presente tanto na formulação das decisões, quanto na execução das mesmas, impacta na melhoria da auto-estima, determinação e autoconfiança.

2.2.3 Empoderamento Organizacional

As organizações estão presentes na sociedade e conseqüentemente relacionam diretamente ou indiretamente todos os cidadãos que estão inseridos nesta mesma sociedade. Saliendo que as mesmas são consideradas instrumentos para a produção de bens e serviços e geram riquezas aos que são seus colaboradores. Tal fato faz das organizações um ambiente em que as pessoas acabam passando grande parte de seu tempo diário, tendo poder inclusive de influenciar sobre seus comportamentos(FRANCO; LIMA, 2010).

É definido como organização “uma unidade social conscientemente coordenada, composta de duas ou mais pessoas, que funciona de maneira relativamente continua, com o intuito de atingir um objetivo comum.” (CHIAVENATO, 2005 p.24).

O processo de gestão no âmbito organizacional passou por transformações desde a década de 1970, onde os modelos taylorista/fordista apresentaram disfunções frente a um mercado inovador onde se exigia mais qualidade e dinamismo. Apesar de esta gestão ter sido bastante utilizada e ter obtido sucesso em diversos aspectos, surgiu a necessidade das organizações inovarem seus mecanismos de administração, buscando novas fontes de conhecimento e mais aprimoramento de suas ferramentas de gestão, agregando valor aos bens e serviços (WILKINSON, 1998).

No decorrer do tempo, com as mudanças de mercado foi necessário que as empresas adequassem seus modelos de gestão para enfrentar a atual realidade. Para satisfazer essas novas necessidades, as organizações têm buscado pessoas com um perfil profissional diferente do que era idealizado nos

modelos formais de gestão anteriores. Houve a valorização de um perfil mais independente e empreendedor, em relação aquele metódico e disciplinado que apenas acata o que lhe delegam a fazer (PAROLIN; ALBUQUERQUE, 2009).

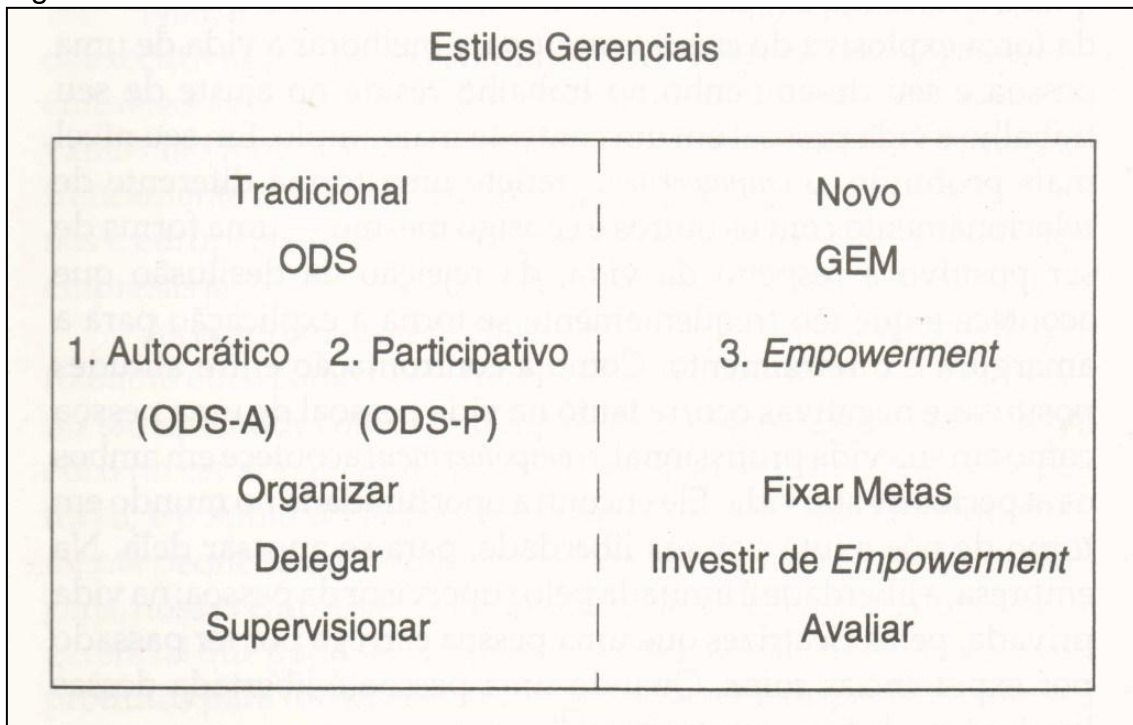
No empoderamento organizacional as decisões são tomadas em sentido horizontal, onde todos colaboradores ganham visibilidade e possuem voz ativa nos processos decisórios(BAQUERO, 2012).

Para Baquero (2012) o empoderamento organizacional é gerado dentro da organização e o motivo são os múltiplos benefícios que traz para a própria empresa e aos envolvidos nela. É um processo de trabalho com foco na pulverização de autonomia e de poder de decisão aos funcionários.

Na abordagem estrutural que trata das políticas nas organizações, os empregadores, gerentes ou ocupantes de cargos que possuem maior poder de decisão costumeiramente dominavam sobre outros. Estes continuam gerenciando, porém, eles partilham do poder aos subordinados, concedendo maior autonomia para eles decidirem assuntos que influenciam seu trabalho(YANG, CHOI, 2009).

Estes estilos de gestão são observados por Mills (1996) na figura 1.

Figura 1- Estilos Gerenciais



Fonte: Mills (1996, p.40)

Como se pode perceber na Figura 1, Mills (1996) apresenta os estilos tradicionais de gerência denominado ODS (Organizar, Delegar, Supervisionar). No gerenciamento autocrático (ODS-A) os funcionários apenas são informados do que foi determinado pela gerência. No gerenciamento participativo (ODS-P) é permitido que os funcionários expressem suas opiniões, porém os gerentes continuam delegando as tarefas, mantendo a característica diretiva. Já o novo estilo gerencial, gerenciamento com *empowerment* (GEM), investe em *empowerment*, passando a responsabilidade de metas e de poder de decisão a todos na equipe.

O *empowerment*, quando aplicado nas organizações, desenvolve uma administração participativa que traz benefícios tanto aos líderes, como a organização e aos colaboradores. Aos líderes porque terão uma forma mais dinâmica de gerenciar, trabalhando com equipes mais independentes, motivadas, comprometidas e participativas. O *feedback* acontece naturalmente, os conhecimentos são compartilhados e novas ideias surgem ao se depararem com desafios no dia a dia. Percebendo maior confiança por parte da organização sobre o desempenho de seus trabalhos, os colaboradores se

entregam mais para a organização, buscando ascensão profissional e gerando bons resultados para o crescimento da empresa (SOUZA; MELO, 2009).

Para concluir, percebe-se que a ferramenta de *empowerment* pode ser usada como estratégia para o bom desempenho da organização. Vale ressaltar que a necessidade de algumas modificações e talvez até investimentos serão para assegurar maior competitividade no mercado (YANG, CHOI, 2009).

2.2 TRAJETÓRIA DA CONDIÇÃO FEMININA NO BRASIL E O EMPODERAMENTO

Por algum tempo, as mulheres tinham pouca participação da vida social e eram subordinadas a uma sociedade cuja predominância vinha do gênero masculino. O gênero masculino tinha maior abertura para o mercado de trabalho, educação, cargos políticos e religiosos. Os maridos e pais de famílias eram os únicos responsáveis pelo sustento da família, situação esta, que gerava certa dependência nas mulheres (ALBUQUERQUE; ALMEIDA, 2008).

Fato que comprova isso era o próprio Código Civil brasileiro de 1916, que apresenta o homem como a figura que preside a família, com poderes legais para tomar qualquer decisão que seria entendida como interesse comum da família. As esposas não eram consideradas capazes de exercer certos atos civis, atribuindo ao marido a administração de todos os bens materiais e autorizá-la a exercer uma profissão (LUZ, FUCHINA, 2009).

No início do século XIX, as mulheres brasileiras em geral viviam bloqueadas por preconceitos sociais. O que elas aprendiam se baseava na alimentação familiar e ocupações domésticas que a capacitasse a cuidar melhor do lar. Neste período, iniciaram as primeiras discussões para um direito básico para mulheres poderem aprender de ler e escrever. Alguma instrução, mesmo que escassa, podia ser obtida através de ensino individual no lar, nos conventos e também nas pequenas escolas particulares nas casas das professoras. Então em 1827, abriram as primeiras escolas públicas femininas

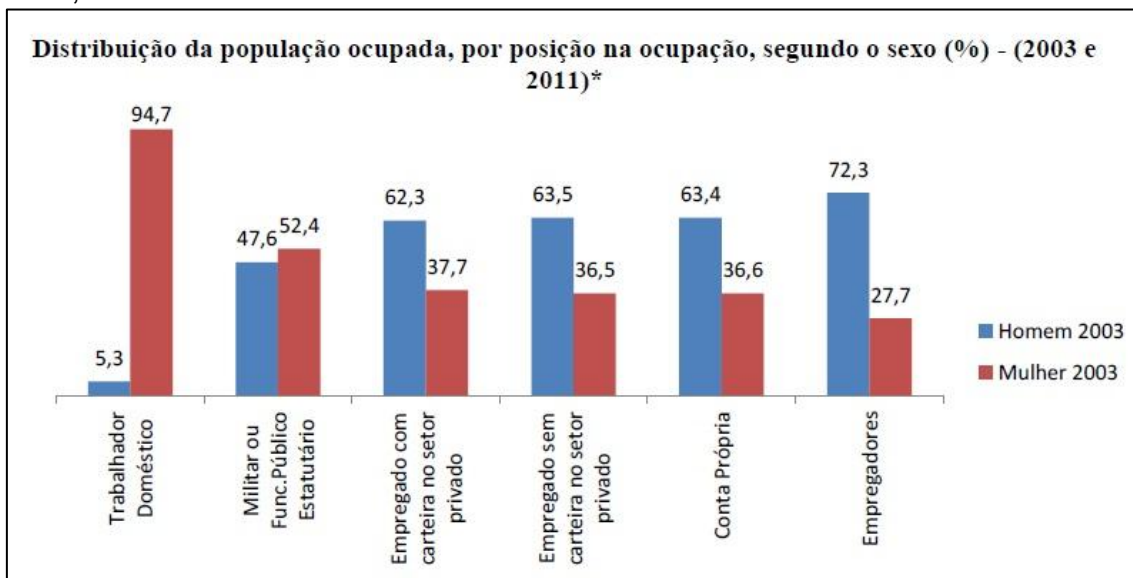
com autorização prevista na legislação. As poucas mulheres que conseguiram obter uma instrução melhor, mesmo enfrentando opiniões adversas, publicaram livros, fundaram escolas e ajudaram a difundir o conhecimento ao público feminino (DUARTE, 2003).

O século XX começa com as mulheres bem organizadas que buscavam cada vez mais seu espaço. Só aprender a ler e a escrever não as satisfazia mais. Também não queriam apenas atuar como professoras, mas poder escolher outras áreas de atuação. Elas reivindicaram para ter poder de opinião, ter direito ao voto, a cursar um ensino superior e ter maior abertura no mercado de trabalho. No Brasil, além das lutas por igualdade de direito de gêneros, as mulheres tiveram forte participação na luta contra a ditadura e a censura, buscando pela redemocratização do país e melhor qualidade de vida para a população brasileira em geral (DUARTE, 2003).

Os estudos de Kanan (2010) evidenciam que a industrialização e a predominância do sistema capitalista também contribuíram com mudanças na sociedade que favoreceram a inclusão feminina. As mudanças incluíam as novas constituições de famílias que saíram do tradicional, por exemplo, ausência da figura do pai em algumas famílias (mães que criam os filhos sozinhas), decisão quanto ao número de filhos com a vinda do anticoncepcional, aumento da liberdade sexual, possibilidade de divórcio, criação de leis de proteção a mulher no mercado de trabalho, e a necessidade de complementar a renda mensal no lar.

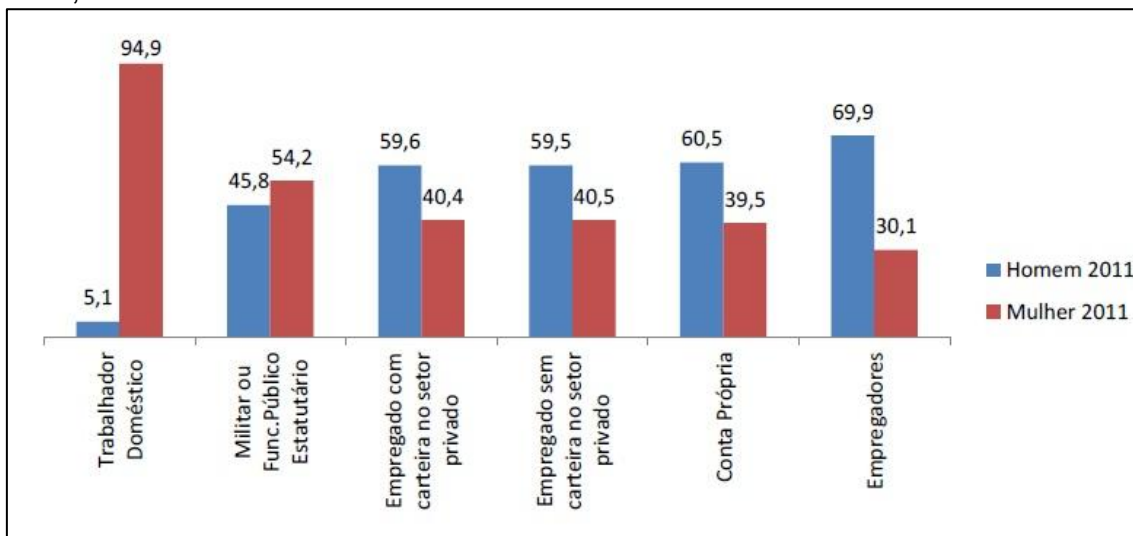
Com o passar dos anos, o mercado de trabalho tem aberto mais as portas para a inserção e ascensão profissional das mulheres, pois se tem a necessidade de bons profissionais que possam gerar mais recursos para a economia. Também vale ressaltar que as mulheres estão cada vez mais investindo em educação e isso é outro fator que favoreceu o crescimento delas no mercado de trabalho, podendo considerar como uma forma de empoderamento (ROBSON, 2010). A Figura 2 e Figura 3 retrata a distribuição de homens e mulheres em ocupações selecionadas no mercado de trabalho, comparando dados de 2003 e 2011, no Brasil, segundo pesquisa feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) em 2011:

Figura 2- Distribuição dos trabalhadores por posição na ocupação, segundo o sexo, em 2003



Fonte: IBGE, 2011

Figura 3- Distribuição dos trabalhadores por posição na ocupação, segundo o sexo, em 2011



Fonte: IBGE, 2011

Segundo Costa (2000), em uma definição de empoderamento feminino, pode-se incluir alguns componentes:

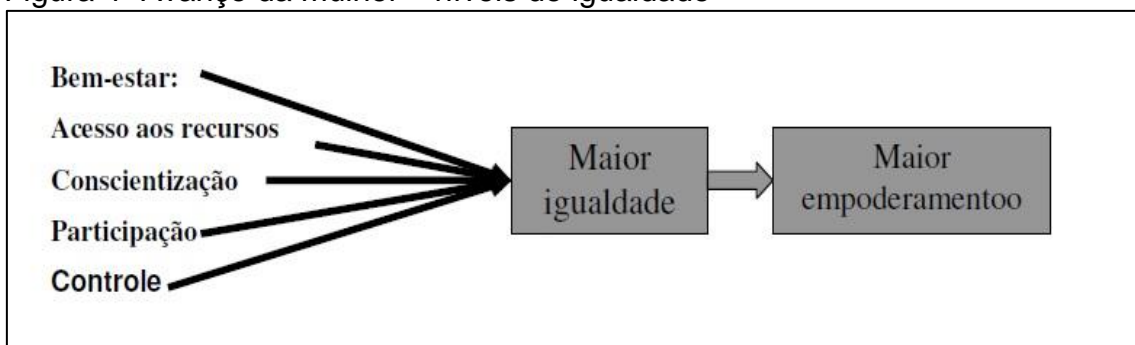
- a) Componente cognitivo: envolve a compreensão do gênero feminino sobre sua influência na sociedade; entender a noção de

ser e fazer escolhas; inclui também ter conhecimento das novas ideologias de gênero.

- b) Componente psicológico: crescimento de pensamentos motivacionais, como autoconfiança e autoestima, que impulsionam as mulheres à por em prática suas habilidades e competências, acreditando que são capazes de fazer mudanças e melhorarem sua condição.
- c) Componente político: capacidade de análise crítica do meio político e social que possibilite a criação de estratégias para mudanças sociais.
- d) Componente econômico: se dá quando as mulheres alcançam independência econômica, gerindo da forma que lhes convém seus proventos. Tal componente está fortemente associado ao componente psicológico, visto que a segurança financeira e esta autonomia afetam a autoestima e autoconfiança.

Costa (2000) cita que para o empoderamento as mulheres também procuram se igualar em cinco níveis apresentados na Figura 4:

Figura 4- Avanço da mulher – níveis de igualdade



Fonte: Costa (2000, p.8)

Muitas importantes conquistas têm sido alcançadas pelo gênero feminino ao longo dos anos. Em contrapartida, mesmo com o avanço do conhecimento e o aumento visível de empoderamento por parte das mulheres, existem algumas barreiras a serem ultrapassadas, por exemplo, apesar da discriminação salarial entre gênero masculino e feminino ser condenada por lei, este ainda é um obstáculo a ser vencido (ALVES, 2011).

Portanto, em síntese, pode-se dizer que as mulheres estão se empoderando cada vez mais por meio da emancipação. Tendo autonomia ao fazer suas escolhas, tomar suas próprias decisões, conquistando independência financeira, buscando oportunidades que as insiram nos ambientes organizacionais e na comunidade. Salientando que a mudança da concepção da sociedade para mais igualdade do gênero feminino tem forte influência no processo de empoderamento feminino (SOUZA. MELO 2009).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

No presente capítulo será apresentado os procedimentos metodológicos utilizados para realização da coleta de dados na presente pesquisa.

Segundo Bervian, Cervo e Silva (2007, p. 27), o método pode ser definido como “[...] a ordem que se deve impor aos diferentes processos necessários para atingir um certo fim ou resultado desejado”. Ao realizar a pesquisa é usado um conjunto de processos que levam o pesquisador ao alcance dos seus objetivos.

Portanto, Demo (1981, p. 7) define a metodologia como “[...] o estudo dos caminhos, dos instrumentos usados para se fazer ciência. É uma disciplina instrumental, a serviço da pesquisa”.

3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

Quanto aos fins de investigação esta pesquisa possui caráter exploratório e descritivo.

a) Pesquisa Exploratória: A pesquisa teve caráter exploratório, pois tem como primeiro passo a apropriação do assunto com maiores informações sobre o empoderamento feminino das mulheres que participam do núcleo de inclusão produtiva em Criciúma (ANDRADE, 2001).

Segundo Bervian, Cervo (2002, p. 69) “Tais estudos têm por objetivo familiarizar-se com o fenômeno ou obter nova percepção do mesmo e descobrir novas ideias”.

Os autores continuam dizendo que “[...] recomenda-se o estudo exploratório quando há poucos conhecimentos sobre o problema a ser estudado” (BERVIAN, CERVO, 2002, p.69). O tema do presente trabalho é pouco explorado, portanto necessita deste estudo exploratório.

b) Pesquisa Descritiva: Objetiva descrever sobre as características de pessoas, situações e acontecimentos. Na pesquisa descritiva, é realizado a coleta e após o registro dos dados é feito a análise dos resultados da pesquisa, para que com base nestes resultados os objetivos da pesquisa sejam atingidos.

Para Bervian e Cervo (2002, p. 66) “A pesquisa descritiva observa, registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos (variáveis) sem manipulá-los”.

Andrade (2001, p. 124) ressalta que “uma das características da pesquisa descritiva é a técnica padronizada da coleta de dados, realizada principalmente através de questionários e da observação sistemática”.

Sobre os meios de investigação, esta pesquisa se aplica ao de caráter bibliográfico e pesquisa de campo. Para a elaboração do presente trabalho, foi necessário um estudo com base em referenciais teóricos para amplificação dos conhecimentos da pesquisadora sobre o assunto, dando base científica para a elaboração das análises. A pesquisa bibliográfica também da veracidade aos fatos apresentados por envolver outros autores conceituados com a mesma linha de raciocínio que a exposta pela pesquisadora (GIL, 1999).

Já a pesquisa de campo, “assim é denominada porque a coleta de dados é efetuada “em campo”, onde ocorrem espontaneamente os fenômenos, uma vez que não há interferência do pesquisador sobre eles” (ANDRADE, 2001, p. 127).

Esta pesquisa direta no local, ou “campo”, pode ser realizada com observação direta, levantamento ou estudo de caso (SANTOS, 2004).

Portanto, também foi aplicada a pesquisa de campo nos núcleos de inclusão produtiva distribuídos nos bairros da cidade de Içara para a compreensão das expressões de empoderamento que apresentam esse grupo de mulheres.

3.2 DEFINIÇÃO DA ÁREA E/OU POPULAÇÃO ALVO

A pesquisa foi realizada nos clubes de mães distribuídos pelos bairros da Içara/SC que fazem parte do Núcleo de Inclusão Produtiva da Fundação Assistencial de Içara (FAI). Os clubes de mães ensinam mulheres a realizar trabalhos manuais e a FAI faz um trabalho inclusivo que fomenta a venda desses trabalhos.

O núcleo conta com 11 capacitadoras que dão assistências aos clubes de mães com quase 1.300 mil mulheres que participam neste projeto. Os dados descritos foram repassados para a pesquisadora pela FAI que coordena o núcleo.

Para a aplicação da entrevista, a pesquisadora definiu a amostra como não-probabilística por acessibilidade, pois dependeu da autorização do público alvo, para participar da pesquisa somente aqueles que aceitarem (MERRILL; FOX, 1977).

Foram 18 (dezoitos) mulheres entre capacitadoras e integrantes do núcleo, que definitivamente aceitaram participar da pesquisa.

Quadro 5- Estrutura da população Alvo

Objetivos	Período	Extensão	Unidade de Amostragem	Elemento
Conhecer as expressões de empoderamento feminino no núcleo de inclusão produtiva dos clubes de mães do município de Içara, SC.	De 01 de março a 01 de abril 2015	Município de Içara- SC	Clubes de Mães localizados em Içara- SC	Mulheres que participam do Núcleo de Inclusão Produtiva

Fonte: Elaborado pela acadêmica Franciani Fernandes (2015).

3.3 PLANO DE COLETA DE DADOS

Este é o momento da pesquisa em que se aplica os instrumentos desenvolvidos para a coleta de dados. Como os dados foram coletados diretamente pela pesquisadora, retirados por ela no local da população alvo, os

dados são considerados como primários, mas também fará uso de dados secundários, que são as contribuições de outros autores sobre o tema abordado(LAKATOS, MARCONI, 2003).

A técnica de coleta de dados que foi realizada através de um roteiro semiestruturado elaborado pela autora. Todas as entrevistas com as mulheres que fazem parte do núcleo de inclusão produtiva foram gravadas e feitas pessoalmente pela pesquisadora. As entrevistas foram individuais e tiveram duração média de 30 minutos.

3.4 PLANO DE ANÁLISE DOS DADOS

A metodologia a ser utilizada para análise dos dados foi qualitativa. O fato de o roteiro ser semiestruturado e trabalhar com questões abertas permite que as mulheres entrevistadas tenham maior abertura e compartilhem mais suas opiniões e conhecimentos facilitando a compreensão das expressões do empoderamento feminino no núcleo de inclusão produtiva dos clubes de mães de Içara/SC.

A análise de conteúdo foi a técnica utilizada para a análise dos dados obtidos. Todas as entrevistas foram transcritas fielmente conforme as falas das entrevistadas, seguindo com a análise e compreensão de cada depoimento e confrontando com a literatura já exposta no presente trabalho.

4 ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA

Neste capítulo será exposto a análise dos dados da pesquisa feita com 18 mulheres que participam do Núcleo de Inclusão Produtiva dos clubes de mães da Içara-SC. Buscou-se identificar o perfil das participantes, as expressões de empoderamento, o processo de evolução e trajetória de vida dessas mulheres.

4.1 PERFIL DOS ENTREVISTADOS

A presente seção tem como objetivo identificar o perfil das mulheres entrevistadas, portanto alguns dados como ano de nascimento, grau de instrução e idade em que iniciou no mercado de trabalho foram colhidos e organizados no quadro abaixo.

Quadro 6- Perfil dos entrevistados

Entrevistado	Ano Nascimento	Grau de Instrução	Idade Início Mercado de Trabalho
E1	1958	Ensino Superior Completo	17 anos
E2	1972	Ensino Médio Incompleto	16 anos
E3	1966	Ensino Fundamental Completo	14 anos
E4	1950	Ensino Fundamental Incompleto	8 anos
E5	1955	Ensino Fundamental Incompleto	10 anos
E6	1969	Ensino Fundamental Incompleto	13 anos
E7	1959	Ensino Fundamental Completo	18 anos
E8	1950	Ensino Fundamental Completo	10 anos
E9	1987	Ensino Médio Incompleto	18 anos
E10	1974	Ensino Médio Completo	16 anos
E11	1950	Ensino Fundamental Incompleto	10 anos
E12	1954	Ensino Fundamental Incompleto	31 anos
E13	1982	Ensino Superior	14 anos

		Incompleto	
E14	1947	Ensino Fundamental Incompleto	17 anos
E15	1955	Ensino Fundamental Incompleto	22 anos
E16	1958	Ensino Fundamental Completo	18 anos
E17	1956	Ensino Fundamental Incompleto	9 anos
E18	1956	Ensino Médio Completo	53 anos

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Diante do Quadro 6, percebe-se que 2 (duas) entrevistadas tem idade abaixo de 35 anos, 4 (quatro) possui entre 40 e 50 anos, 7 (sete) entrevistadas tem idade entre 50 e 60 anos, e 5 (cinco) possuem idade acima de 60 anos.

Sobre o grau de instrução, 66,66% (12 mulheres) possuem ensino fundamental, sendo que destas, apenas 4 (quatro) de fato concluíram o mesmo. Uma dessas mulheres, identificada no presente trabalho como E17, menciona seu desejo de ter dado continuidade aos seus estudos, porém seu pai a deixou estudar até a 6ª série do Ensino Fundamental.

Ela menciona: “[...] meu sonho era estudar para ser professora, mais meu pai nunca deixou”, a justificativa era que “[...] na época, filha mulher, os pais achavam que não precisava estudar, davam faculdade pros homens porque filha mulher vai casar e o marido não deixa trabalhar” (E17) [Grifo nosso].

As outras entrevistadas, 4 (quatro) das que iniciaram o Ensino Médio, apenas 2 (duas) concluíram. Das 2 (duas) que iniciaram o Ensino Superior, apenas uma concluiu.

A entrevistada E1 sente satisfação em dizer que conseguiu concluir seus estudos e realizar esse sonho. “Graças a Deus, eu estudei, a minha mãe foi professora e sempre me deu oportunidade pro estudo então eu peguei com todas as forças”, ela ainda comenta que após concluir o Ensino Médio, ela fez o magistério e alguns cursos que surgiam, “depois parei porque casei, voltei a estudar 20 anos depois, e fiz minha faculdade de pedagogia e a minha pós graduação” (E1) [Grifo nosso].

No Quadro 6, ainda cita a idade em que essas mulheres iniciaram no mercado de trabalho e percebeu-se que 83,33% (15 entrevistadas) tiveram seu

primeiro emprego remunerado, sendo este formal ou não, antes dos 18 anos. Muitas iniciaram ainda crianças trabalhando principalmente nas roças com seus pais.

Seguiu-se verificando se as mulheres que participaram desta pesquisa estão buscando conhecimento, cursos adicionais, e aprimoramento profissional atualmente.

Quadro 7- Aprimoramento profissional

Busca de Aprimoramento	Descrição do Aprimoramento	Entrevistada
Não	Aprendizagem apenas nos clubes de mães	E2; E5; E8; E14; E16; E17; E18
Não	Aprendizagem com familiares ou colegas (e também nos clubes de mães)	E1; E4; E6; E11; E13; E15;
Sim	Aprendizagem em Cursos particulares (e também nos clubes de mães)	E3; E7; E9; E10; E12;

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Quanto aos tipos de aprendizagem, 7 (sete) destas mulheres aprenderam a realizar seus trabalhos apenas nos clubes de mães, e não procuraram por nenhum curso adicional. Cada clube possui uma monitora responsável em ensinar, tirar dúvidas e organizar cada atividade. Segundo as entrevistadas, esta monitora leva consigo modelos, revistas com ideias, tendências para repassar as participantes.

A entrevistada E14 menciona que “no clube de mães faz 44 anos que eu participo, tudo que eu aprendi, e cursinhos que fiz foi no clube de mães” (E14) [Grifo nosso]. Durante uma outra entrevista, a E17 relatou que inclusive participava em dois clubes de mães para se aprimorar mais, ela diz “entrei no clube de mães a tarde e entrei na turma da noite também pra aprender bem, mais era tudo curso nos clubes de mães” (E17) [Grifo nosso].

Outras 6 (seis) mulheres afirmaram ter aprendido seus artesanatos em casa com as mães, avós, vizinhas ou colegas e aprimoraram seus conhecimentos nos clubes de mães. Algumas citam que esse contato inicial foi importante para despertar nelas o interesse pelos trabalhos que realizam atualmente. “[...] a minha mãe sempre trabalhou com artesanato, além de trabalhar em sala de aula, e trabalhava em casa fazendo flores, na época fazia

coroa de cemitério de finados, então tinha coroa , fazia flores e eu comecei com ela também, aprendendo junto com ela e peguei o gosto pelo artesanato” (E1) [Grifo nosso].

A entrevistada E4 tinha como trabalho principal a confecção de toalhas de renda, além de outros tipos de artesanato. Sobre seu aprendizado em fazer artesanato, ela diz “[...] esse aqui de renda não fiz curso nenhum, eu aprendi com a minha mãe e naquele tempo nem curso não existia, sei lá, as pessoas antigas sabiam fazer não sei como, mas sabiam, faziam várias coisas, e vai de geração em geração, aí eu aprendi com ela, a mãe largava eu era bem curiosa, ia lá e pegava pra fazer, a mãe quando via que estava errado, desmanchava, continuava e assim eu aprendi” (E4) [Grifo nosso].

O restante das entrevistadas, totalizando 5 (cinco) mulheres, buscam por conhecimentos além dos encontros dos clubes de mães. Para aprimorarem seus trabalhos e habilidades, elas fazem cursos extras que agregam e valorizam seus artesanatos. Por exemplo, a entrevistada E7 comenta “[...] fiz, entre clube de mães e cursos particulares. Antigamente tinha uma ONG na Içara, que a gente pagava e fazia cursos, depois eu paguei um cursinho com uma professora particular, pra aprender a definir as cores, de frutas, de folhas, e misturar as cores na pintura” (E7), a entrevistada E12 segue na mesma linha dizendo “Quando surge um curso eu sempre faço, sempre corro atrás” (E12) [Grifo nosso].

Vale ressaltar também a contribuição da E10, que cita ter participado em um projeto feito pela UNESCO sobre empreendedorismo, em que durante 1 (um) ano ela recebeu orientações de como abrir e manter seu negócio.

“Eu fiz uma vez um cursinho pra docinho, mais faz muito tempo atrás e eu praticamente não uso, depois eu fiz esse outro curso com o pessoal da UNESCO, há dois anos atrás, esse curso era o passo a passo para montar uma microempresa, foi sobre o empreendedorismo. Quando eles vieram fazer esse cursinho, eu não tinha noção de quanto eu gastava e quanto eu ganhava produzindo os meus pães, eu simplesmente ia lá comprava, fazia e vendia, mais dizer assim quanto é que eu ganho, isso eu não sabia, isso foi eles que me ensinaram, botar tudo na ponta do lápis, fazer o cálculo direitinho, quanto está custando a embalagem, o trigo, e depois fazer as contas da receita, quanto é que gastei, vendendo isso quanto é que sobrou, então isso tudo foram eles que me ensinaram a fazer,

propriamente montar o negócio, botar no papel, foram eles que me ensinaram” (E10). Hoje ela está contente com os resultados por ter colocado em prática o que aprendeu, pois afirma que “ainda tenho algumas limitações, mas mesmo com isso tudo, graças a Deus tem dado certo, tem rendido” (E10) [Grifo nosso].

A pesquisa segue questionando sobre o tempo de participação das mulheres no Núcleo de Inclusão Produtiva. As respostas foram organizadas no Quadro 8.

Quadro 8- Participação do Núcleo de Inclusão Produtiva

Entrevistada	Participação do Núcleo de Inclusão Produtiva	Tempo de Participação
E1	Sim	10 anos
E2	Sim	8 anos
E3	Sim	3 anos
E4	Sim	12 anos
E5	Sim	8 anos
E6	Sim	18 anos
E7	Sim	5 anos
E8	Sim	3 anos
E9	Sim	3 anos
E10	Sim	3 anos
E11	Sim	3 anos
E12	Sim	29 anos
E13	Sim	1 ano
E14	Sim	44 anos
E15	Sim	3 anos
E16	Sim	6 anos
E17	Sim	5 anos
E18	Sim	8 anos

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Todas as 18 (dezoito) entrevistadas fazem parte do Núcleo de Inclusão Produtiva que tem como objetivo incentivar a comercialização dos trabalhos manuais que essas mulheres fazem ajudando a incrementar a renda da família.

A pesquisa apresentou grande variedade no que diz respeito ao tempo de participação dessas mulheres nos clubes de mães. Por exemplo, foram 9 (nove) as entrevistadas que responderam que seu tempo de participação foi inferior a 5 (cinco) anos.

A entrevistada E3 confirma: “do clube de mães, faz três anos que eu participo, foi depois que eu fiquei viúva que eu procurei, até como uma distração, foi mais pra me distrair e pra poder ter uma rendinha extra” (E3). A entrevistada E13, tem 1 (um) ano de participação no núcleo, e diz que não foi

por falta de interesse e sim de oportunidade que ela não está participando há mais tempo, ela explica: “Nosso clube de mães começou ano passado, porque o nosso é a noite, aí a gente sempre lutou pra conseguir, aqui nós não temos um lugar nosso, e foi preciso de uma autorização para conseguir o lugar e uma monitora” (E13) [Grifo nosso].

Outras 5 (cinco) mulheres disseram estar participando já há mais tempo, entre 6 (seis) há 10 anos. Acima de 10 anos, foram 4 (quatro) entrevistadas, porém com uma variação grande, a E4 tem 12 anos de participação, a E6 18 anos, a E12 29 anos, e a E14 com maior tempo delas, 44 anos de participação.

Na contribuição da E12, ela cita que o clube de mães que ela participa foi um dos pioneiros na Içara, “Quando eu comecei mesmo faz 29 anos, foi um dos primeiros clubes de mães, nós começamos na APAE, mas lá o espaço ficou pequeno aí viemos para a FAI. E tem várias mulheres que até hoje estão conosco. Fica lá no centro, lá na FAI mesmo” (E12) [Grifo nosso].

Pode-se perceber grande diversificação ao analisar o perfil das 18 (dezoito) mulheres entrevistadas. As variações foram observadas, por exemplo, na idade de cada uma, algumas bem jovens, outras já idosas. Houve oscilação também nas respostas sobre grau de instrução e o tempo que participa nos clubes de mães. Uma semelhança encontrada foi que apesar das variações de idade em que essas mulheres entraram no mercado de trabalho, as que começaram bem cedo, adolescentes e até crianças, trabalhavam inicialmente na roça com familiares. A análise de perfil serviu para criar uma base para posteriormente compreender melhor as expressões de empoderamento.

4.2 EXPRESSÕES DE EMPODERAMENTO

No decorrer desta seção será analisado as expressões de empoderamento observadas nas entrevistas feitas com as 18 (dezoito) mulheres que fazem parte do Núcleo de Inclusão Produtiva dos clubes de mães de Içara. Dividiu-se esse capítulo em sessões para compreender

individualmente cada expressão, as quais são: Expressões Socioeconômicas; Expressões Cognitivas; Expressões Políticas; Expressões Psicológicas; e Expressões do Ambiente Familiar.

4.2.1 Expressões Socioeconômicas

Para Costa (2008) a independência econômica, seja ela total ou parcial, é de grande importância para o processo de empoderamento feminino. Impacta no desprendimento da mulher do sistema patriarcal, a qual os homens da família eram os únicos responsáveis pelo sustento.

Na mesma linha, Haque (2011) fala sobre a independência econômica como fator chave para autonomia feminina. A mulher reduz sua subordinação quando passa a participar nas decisões do lar no que diz respeito a assuntos financeiros.

Sendo assim, os questionamentos que se seguiram nas entrevistas foram sobre: desejo pessoal de trabalhar e conquistar renda própria; capacidade de administração da vida e da carga horária; grau de participação na renda familiar (participação ou dependência); razões para estar trabalhando atualmente. Deste modo, buscou-se verificar expressões socioeconômicas de empoderamento, descobrir até que ponto as mulheres são independentes financeiramente e quais os sentimentos delas relacionado a este assunto.

a) Desejo pessoal de trabalhar e conquistar renda própria

Nesta seção buscou-se investigar se faz parte dos sentimentos das mulheres o desejo de ter renda própria. De acordo com Kleba e Wendausen (2009), antes de uma ação, a mudança começa pela mentalidade, pelos desejos intrínsecos dos indivíduos em querer mudar, para depois agir.

Nas entrevistas, 17 (dezessete) entrevistadas comentaram ter desejo de ter renda própria e não precisar depender totalmente de alguém. A E1 e a E8 comentam que esse desejo que elas têm é importante para todas as mulheres que buscam certa independência. “Sempre tive a vontade de ter minha renda, e isso é muito importante pra toda mulher que quer ser independente” (E8), a E1, na mesma linha, fala: “sempre, Deus me livre, esse desejo é uma coisa que toda mulher tem que ter hoje em dia, mas quando eu comecei a trabalhar a gente já queria independência” e ela acrescenta: “eu não me vejo dependendo do marido e sem a minha renda” (E1) [Grifo nosso].

A E13 e a E12 também mencionam que sempre tiveram desejo pessoal de trabalhar e ter renda própria, porém, algumas particularidades nessas entrevistadas se diferenciaram das outras. No caso da E13, ela conta que esse desejo aumentou quando seus pais se separaram, a situação ficou mais difícil e ela sentia que precisava ter, agora mais do que nunca, certa independência. Ela diz “quando eu tinha 14 anos meus pais se separaram, aí já fica aquela situação mais complicada, então fui trabalhar pra mim e ajudava também a mãe e o pai” (E13) [Grifo nosso].

Já a entrevistada E12 relata que o fato de ela ter uma filha especial requer dela certos cuidados e atenção, isso dificultaria ela ter um emprego secular como outros, mas sua vontade de ter renda própria fez com que ela buscasse outras alternativas em conseguir renda própria e conciliar a atenção que sua filha necessita.

Sempre tive, por isso que eu corri atrás dos meus biscoitos e do artesanato, porque eu tenho minha filha que é especial, pra eu pagar uma pessoa para cuidar dela fica difícil, ela também às vezes é difícil de lidar, não é qualquer pessoa que ela aceita, e seria muito difícil eu achar uma renda lá fora que desse conta de pagar, não valeria a pena, assim eu cuido dela, levo no médico, dentista, tudo acompanhamento, eu não ia poder ficar saindo do serviço pra levar ela no médico direto, então eu consigo cuidar dela e trabalhar em casa, conseguindo minha renda (E12) [Grifo nosso].

Apenas 1 (uma) entrevistada, o que corresponde a 5,56%, mencionou trabalhar não por desejo de ter renda própria, mas por necessidade. “Não tinha desejo, eu era obrigada né” (E11) [Grifo nosso]. Em síntese, 94,44% das entrevistadas afirmam ter desejo pessoal de trabalhar e conquistar renda própria.

b) Capacidade de administração da vida e da carga horária

Nesta seção, buscou-se entender como as entrevistadas administram suas vidas e carga horária, quais as dificuldades que elas encontram neste sentido. Segundo Carvalho (2004) o *empowerment* está relacionado ao sentimento que o indivíduo tem de administrar sua própria vida.

Diesse (2007), também salienta que a dupla jornada de trabalho que muitas mulheres têm, impactam na numa carga horária cheia, tendo que administrar os compromissos do lar e trabalho secular.

O Quadro 9 organiza a respostas das entrevistadas, separando as que afirmam ter dificuldades em administrar a vida e a carga horária e as que dizem não ter dificuldades.

Quadro 9- Administração da vida e da carga horária

Não apresentam dificuldades	E1; E3; E4; E6; E7; E8; E16; E17; E18
Apresentam dificuldades	E2; E5; E9; E10; E11; E12; E13; E14; E15;

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Ao analisar as entrevistas, percebeu-se que 9 (nove) mulheres, ou seja, 50% das entrevistadas não apresentam dificuldades em administrar suas vidas e carga horária. Buscando mais objetivamente o motivo de terem respondido isso, notou-se que essas mulheres não trabalhavam em empregos seculares, são donas-de-casa, algumas inclusive aposentadas, que buscam o artesanato como uma renda extra.

De um modo geral, elas afirmaram equilibrar o tempo entre os afazeres do lar e a confecção das encomendas de artesanatos. Algumas falas deixam isso bem claro, por exemplo, a E16 diz: “tranquilo, até meio dia eu faço o que eu tenho que fazer em casa e a tarde eu venho pros clubes, adoro o que eu faço! Venho nos clubes todas as tardes da semana, e os artesanatos faço de manhã ou à noite” (E16). Outra entrevistada comenta “como sou só eu e meu esposo, então é tranquilo, faço as coisas da casa, e faço meus trabalhos,

as encomendas. Mas pra mim, em primeiro lugar meu trabalho, dou prioridade, o resto vou fazendo como posso também” (E8) [Grifo nosso].

A entrevistada E3 cita o fato de não trabalhar fora como facilitador em organizar o tempo e as atividades do dia. Ela relatou “agora como eu não trabalho fora, eu não tenho que sair de manhã até a noite, eu faço assim: levanto, faço meus afazeres que eu tenho que fazer, porque agora ficou só eu e o meu filho, só nós dois, e o resto do dia eu faço meus artesanatos, ou a tarde ou a noite, é assim que eu consigo me administrar. De repente, se eu tenho uma encomenda pra entregar aí a minha prioridade é a encomenda, se não aí eu faço meu serviço da casa. Eu faço meu tempo. Eu me organizo” (E3) [Grifo nosso].

Em outra entrevista, agora com a E11, ela menciona não só o fato de estar aposentada, mas o fato também de não ter marido nem filhos morando com ela, diminui suas responsabilidades no lar. Ela é divorciada, seus filhos já são casados, por isso ela fala não ter dificuldade em administrar sua vida e carga horária, “[...] tempo eu tenho o dia todo, porque eu sou sozinha, eu e Deus, aí assim, a hora que eu quero fazer as coisas eu faço, a hora que eu não quero eu não faço, quando eu não to com vontade, igual hoje, paguei a vizinha pra limpar os vidros, e a noite eu trabalho cuidando de uma idosa” (E11) [Grifo nosso].

Vale ressaltar o comentário da entrevistada E1, que hoje é aposentada e diz não haver dificuldade em administrar sua carga horária. Porém, ela relembra suas limitações de quando trabalhava fora, como professora, e fazia faculdade. “Na época quando eu fiz faculdade, eu trabalhava a semana toda 40 horas. Nas sextas-feiras à tarde ia pra Araranguá fazer faculdade dormia lá e só voltava sábado à tarde. Então era assim cheio, não tinha como eu me dedicar a outra atividade. Hoje só ajusto o serviço da casa, clube de mães, artesanato, e já está bem melhor” (E1) [Grifo nosso].

As outras 9 (nove) mulheres, correspondente aos 50% restante das respostas dessa seção, afirmaram ter maior dificuldade em administrar suas cargas horárias. Nas respostas, fica claro que a razão vem de ter dupla jornada de trabalho. São mulheres que fazem seus artesanatos como uma renda extra,

algumas ainda possuem outros empregos e precisam cumprir com suas obrigações no lar. Além da limpeza e organização da casa, cuidam de filhos, alguns ainda pequenos em época escolar que precisam de atenção e educação.

A entrevistada E10 é divorciada, tem 3 (três) filhas, uma tem 4 anos, a outra tem 7 anos e a mais velha tem 9 anos. Para conseguir o sustento da casa ela faz faxinas, fabrica pães para vender e faz seus artesanatos. As responsabilidades da casa, educar e cuidar das filhas também faz parte do papel dela como mulher. Ao ser questionada sobre como administra sua vida e carga horária, ela responde:

É pesada, eu começo normalmente às 6 horas da manhã e não tenho hora pra parar, porque daí assim, é muita coisa pra conciliar. Eu levanto às 6 horas da manhã, faço o café das crianças e reviso todas as mochilas, ver se o caderninho de recado está em ordem e olhar se a tarefa está feita. Às 6:15 eu já chamo elas para se arrumar e ir pro colégio, tomam um cafezinho e às 7:10 o ônibus já está passando lá embaixo no portão, então tem que estar todo mundo prontinho, aí elas vão pra escola. Eu subo e começo minha produção, ou se eu tenho alguma faxina de lá eu já vou pro trabalho, nem volto. Depois ou eu venho embora dar almoço pra quem fica ao meio dia, ou na estrada mesmo eu já seguro quem está chegando e já coloco a outra no ônibus, porque uma estuda de manhã até meio dia, outra estuda de tarde até as 5, e a outra estuda o dia inteiro, entendeu? Então é uma correria de horários, porque o ônibus tem uma rota, passa por um trajeto, se de repente eu estou trabalhando numa região onde o ônibus não passa, eu tenho que me preocupar em chegar na estrada a tempo pra conseguir pegar o ônibus e tenho que me preocupar em pegar quem está chegando pra não deixar sozinha. Dependendo de onde eu estou trabalhando vira aquela correria, porque às vezes fica mais fácil vir em casa, dar almoço pra quem está chegando e despachar quem está saindo, do que na rua pegar uma e largar a outra, então é aquela correria! Depois às 17 horas da tarde eu tenho que estar em casa, porque as 2 (duas) mais nova chegam e eu tenho que estar aqui, a pequeninha tem 4 anos e a outra tem 7 anos, não dá de maneira nenhuma de deixar elas sozinhas, então eu tenho que estar em casa. E aí começa tudo de novo, se eu tiver encomenda de pão ou de cavaco, eu chego dou um café pra elas e começo a produzir e paro a hora que não tenha mais nada pra fazer, roupa pra lavar, janta pra fazer, casa pra limpar, dou banho nelas, é tudo depois das 17hs, vai até 22hs, 23hs, 00hs, às vezes até 1 hora da manhã, é puxado, não é fácil, tem que ter pique (E10) [Grifo nosso].

Sobre filhos, a entrevistada E9 também comenta que precisa dar atenção a eles e cuidar da casa, por isso nem sempre consegue se dedicar ao artesanato que é sua fonte de renda individual. “De manhã, quando dá, eu faço alguma coisa de crochê, mas agora meu filho está na 6ª série, é muito trabalho,

é muita tarefa, então a manhã é deles bem dizer e a tarde é minha, pra fazer meus trabalhos e o serviço da casa” (E9) [Grifo nosso].

Nessa mesma linha, a entrevistada E15 cita também outros fatores que acabam sobrecarregando sua rotina, por exemplo, a doença do seu esposo e a vinda de um neto, que colocou ela não só num papel de avó, mais também de mãe, pois ela ficou responsável pela criança. Ela diz conseguir se ajustar mesmo com essas tarefas a que sobre caem a ela por ser mulher. “Trabalho todo dia, e tenho que dar conta da casa, do filho, do neto que eu crio, do marido que está doente, é bem corrido, bem puxado. Eu trabalho meio período, das 13hs às 17hs, e a noite sempre faço os artesanatos, meus serviços da casa, daí no domingo também o que sobra de tempo vou confeccionando meus artesanatos e assim consigo levando” (E15) [Grifo nosso].

No caso da E14, atualmente está com 68 anos, apesar de estar aposentada, com idade já mais avançada, faz outras atividades remuneradas e também cuida do lar.

Olha, é corrido! Além de eu fazer artesanato pra vender, eu ainda sou babá, cuido de um neném de 6 meses de uma vizinha minha que me contratou, eu estou sempre atenta em fazer alguma coisa, não sou de ficar parada não! E eu faço tudo em casa, ainda bordo e costura. Cuido do bebê das 7:30 da manhã até as 17hs da tarde, e no clube participo só uma vez por semana, a tarde, eu sou a presidente daqui fazem 3 anos e fui 8 anos na praia também, presidente dos idosos. A gente tem que estar sempre atenta, sempre envolvida! Antes eu fazia os artesanatos depois do almoço, mas agora cuidando da menina, eu começo a fazer depois das 17hs, vou até umas 22hs, 22:30 no máximo pra não ficar muito tarde, mas eu dou conta de tudo! (E14) [Grifo nosso].

Outros pontos interessantes foram encontrados nas entrevistas com a E12 e a E2. A E12, fala que devido à quantidade de atividades que ela participa e se envolve durante a semana, ela procura organizar sua agenda, já no início da semana, todos seus objetivos, para que no fim da semana tenha feito tudo. “[...] é bem puxado, levanto antes das 6 horas da manhã, com mil e uma atividades, casa, trabalho, artesanato, clube de mães, trabalhos na igreja, bem puxado. Chega no começo da semana eu já faço minha agenda, aquele

dia faço um coisa, aquele dia eu faço outra, pra conseguir no final da semana estar com tudo feito como planejei” (E12) [Grifo nosso].

Por fim, na contribuição da E2, ela cita que apesar de ter uma carga horária cheia e diversas responsabilidades como trabalhadora, mãe e dona de casa, um fator chave que faz toda a diferença em sua vida é gostar do que faz. Além dos compromissos com o lar, ela diz “tem que gostar muito, porque a minha vida é bem corrida. Eu to em dois clubes, faço curso nas quartas-feiras no centro, eu trabalho com meu marido, nós fizemos eventos nos fins de semana, é bem puxadinho, tem que gostar. À tarde eu fico nos clubes e a noite eu faço minhas encomendas” (E2) [Grifo nosso]. Muitas dessas mulheres entrevistadas encaram uma rotina agitada, administram suas vidas e cargas horárias cheias, porque gostam do que fazem.

c) Grau de participação na renda familiar (participação ou dependência)

Nesta seção, buscou-se conhecer qual o grau de participação das mulheres entrevistadas na renda familiar. Identificar se atualmente elas participam ou se consideram dependentes.

Quadro 10- Participação na renda familiar

Grau de Participação na renda familiar	Entrevistadas
Dependência Total	E6, E18
Dependência Parcial	E2, E5, E7, E9, E12, E13, E14, E15, E16, E17
Independência	E1, E3, E4, E8, E10, E11,

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Ao serem questionadas sobre participação na renda familiar, duas entrevistadas disseram se considerar dependentes de seus cônjuges. Apesar de venderem seus artesanatos, elas ainda são inseguras e têm um sentimento de dependência. A E6 comenta: “dependo só do meu esposo” (E6), e a entrevistada E18 também afirma isso, dizendo: “sempre dependi do meu marido, desde que eu casei. Depois que comecei na FAI foi que eu tive uma renda, mas é pouca, é só pra mim, pras minhas coisas, por isso sou dependente” (E18) [Grifo nosso].

Pode-se perceber nas respostas que 55,55% das entrevistadas, correspondente a 18 (dezoito) mulheres, acham que tem certo grau de dependência. Ficou claro em alguns casos que o marido sustenta o lar, supre as necessidades básicas e gastos familiares e a renda vinda do trabalho que essas mulheres realizam é para gastos pessoais delas. Abaixo estão alguns comentários que comprovam isso.

“No caso o que eu ganho é pra minhas coisas pessoais, eu sempre dependi do meu marido, pros gastos da casa e o que eu ganho é pra mim. Pra mim é importante, pro meu marido ele acha importante também, porque pelo menos eu tenho o que fazer, tenho meu dinheiro pras minhas coisas e ele me dá apoio” (E7) [Grifo nosso].

Nossa, até três anos atrás era totalmente dependente do meu marido, quem trabalhava era ele, tudo era ele, não tinha outra renda, eu não fazia o artesanato ainda, não fazia nada, só ficava em casa com as crianças. E antes dependia dos meus pais, porque eu estudava, casei com 15 pra 16 anos, já casei grávida, daí pra frente até três anos atrás eu não fazia nada, só cuidava da casa mesmo. Hoje, tudo o que eu recebo é só pra mim, graças a Deus até hoje o meu marido sempre conseguiu manter a casa, então depois que eu vim morar aqui no Amanda Costa mesmo que melhorou mais ainda, porque a gente está pagando menos, numa coisa que é nossa. Todas as coisas que nós estamos pagando hoje, apartamento, condomínio, água e energia, era só o meu aluguel, entendeu? Diminuíram muitos os nossos gastos, então ele consegue manter tudo e o que eu recebo é pra eu comprar mais material, coisas pras crianças, às vezes eu olho uma roupa pra mim, pra eles, mas assim, dizer que eu pago conta, eu não pago, é tudo com ele, a minha renda é só pra mim (E9) [Grifo nosso].

Porém, algumas mulheres que responderam ser parcialmente dependentes, percebe-se que é uma dependência recíproca em que não só ela é dependente da renda do cônjuge, mas o cônjuge e a família precisa da renda dela. A entrevistada E2 diz: “eu e meu marido sempre trabalhamos juntos, na verdade. Sempre com a ajuda dele também, nunca só a minha renda, ou só com a renda dele. Ajudo bastante” (E2) [Grifo nosso].

A E15 comenta já ter dependido do marido, mas atualmente ela contribui com a renda familiar. Vale lembrar que na seção anterior, sobre administração da vida e da carga horária, ela cita sobre a vinda de um neto e também a doença do seu esposo. “Quando eu casei, trabalhava fora, mais

depois eu tive os filhos e fiquei em casa, aí eu dependia do marido, mais era ruim porque tudo tinha que pedir e não era tudo que queria as coisas e tinha. Hoje, minha renda ajuda sim! Eu ajudo na família, pra mim, pros filhos, meu neto, também dou uma contribuição pro meu filho que faz faculdade, então é bem importante” (E15) [Grifo nosso].

Na entrevista com a E13, também fica visível a importância da renda dela. “Sempre contribuí, sempre trabalhei! Minha renda é significativa, ajuda bastante. Antes o que eu tirava com o artesanato eu guardava, porque eu queria comprar uma máquina pra mim, mas como veio a cirurgia dele, que foi 11mil reais, aí não teve mais como, tudo que vinha de renda foi pra cirurgia e pra manter a casa” (E13) [Grifo nosso].

Novamente, outra entrevistada fala da importância da renda, não só como complemento da renda familiar, mais como essencial ao enfrentar doenças na família. A E16 relata: “eu ajudo bastante, meu marido está doente, ele tem câncer, é infartado, então a renda dele por aposento de invalidez é uma miséria e o que eu ganho dá pro remédio dele. Além do meu emprego, eu vendo os artesanatos também, me ajuda, é muito importante, ajudo muito a comprar os remédios do meu marido, porque são muitos e é tudo caro” (E16) [Grifo nosso].

Por fim, 33,33% das entrevistadas, correspondente a 6 (seis) mulheres, afirmam ser totalmente independentes financeiramente. Todas afirmaram já ter dependido algum dia de alguém. Cada uma conseguiu a independência de uma forma diferente, umas porque buscaram, outras nem tanto porque queriam, mas precisaram se adaptar a uma situação.

A E3 relata que perdeu seu marido, diante disso ela precisou assumir as responsabilidades do lar, inclusive de cuidar das finanças.

Há muito tempo, quando meus filhos eram pequenos, eu não trabalhava, então eu dependia muito dele, bastante. Quando eu era solteira aí não, aí eu trabalhava. O que eu ganho é bastante importante. Quando o meu marido morreu, eu estava desempregada, faz três anos que ele faleceu, então eu sou pensionista, mas comecei a fazer artesanato também pra ter uma rendinha extra. Eu administro a casa com meu dinheiro, tem meu filho que trabalha e que me ajuda também um pouco, mas a maioria das despesas são minhas, tanto que tem meses que só com a ajuda do artesanato pra dar conta de

tudo, porque só com a pensão fica apertado, entende?! (E3) [Grifo nosso].

Como a entrevistada E11 mora sozinha, ela precisa buscar seu próprio sustento. O aposento que ela recebe não é suficiente para cobrir todas as despesas, por isso atualmente faz outros trabalhos que incrementam na renda.

“Já dependi muito de alguém, dependi muito da minha família, dos meus irmãos, porque quando eu não era aposentada, fiquei doente, com problema no coração, ai eu não podia trabalhar e eles me ajudaram. Na época que eu era casada, há 21 anos atrás, eu trabalhava pra comprar as coisas pra dentro de casa porque ele não dava, então eu fazia faxina, pegava lavação, pra comprar roupa pros filhos, tinha 3 filhos pequenos, eu que trabalhava pra colocar as coisas dentro de casa, comida ele dava, não deixava faltar. E hoje, todas as minha rendas pra mim é muito importante, a da aposentadoria, artesanato e dessa que eu trabalho a noite”

No comentário da E10, mostra que desde jovem ela já procurava ter certa independência financeira pra realizar as vontades dela. Quando seu pai não ajudou e até se opôs que ela acabasse seus estudos, ela encontrou outros meios de conseguir recursos para estudar. Fica evidente no comentário dela que atualmente essa independência ainda procede.

Desde os meus 16 anos eu não gostava de pedir, porque meu pai era assim se fosse realmente necessário ele ajudava, dependendo da situação não. Quando eu fui fazer o segundo grau, que eu saí da 8ª série, nós morávamos bem no interior, isso dava 25 km longe do colégio. O 2º grau era só na cidade, não tinha transporte, então algumas vezes nós fomos de dia pra cidade de ônibus, uma turma de alunos na frente da prefeitura, na sala do prefeito, exigir transporte, que eles fizessem alguma coisa pra gente poder estudar. Pra eles às vezes eles não tinham como, então nós saía de porta em porta pra carpir lote, cortar a grama de alguém pra nós juntar dinheiro pra ir estudar. Então desde muito nova eu sempre me virei. Meu pai dizia assim: “tu não vai estudar a noite!”, mas só tinha 2º grau a noite, então foi uma das barreiras já lá dentro de casa, o pai até tinha condições de dar, mas ele não queria que a gente estudasse a noite, então ele não ajudou. O material escolar eu tive que me virar, o uniforme eu tive que me virar, a passagem do ônibus eu tive que me virar, porque ele não ia ajudar e não ajudou! Não queria que eu estudasse a noite, era um empecilho. Só que eu achava que só até a 8ª série era muito pouco pra mim, eu precisava estudar mais, tanto que lá de casa só quem fez o 2º grau fomos eu e minha irmã mais nova, porque na época dela já era outra condição, ela é 15 anos mais nova do que eu. Pra mim, foi uma batalha, a minha mãe sempre me apoiou, mas não tinha acesso ao dinheiro e o meu pai tinha o dinheiro no bolso mas não liberava, então eu tinha que me virar. Então assim, depende do meu pai só mesmo quando eu estava debaixo das asas dele, porque a partir do momento que ele me soltou era eu e eu. Meu

marido nunca foi o tipo de pessoa de valorizar sabe, se eu precisasse de alguma coisa ele dizia assim “te vira!”, e eu também nunca fiquei sem serviço, o tempo que eu fiquei desempregada eu fiquei no seguro desemprego, mas sem dinheiro nunca fiquei, fazia um crochê, fazia unha e me virava. Hoje a renda familiar sou toda eu, tem a contribuição dele com a pensão alimentícia, mas é um dinheirinho assim que não faz cócegas no orçamento, é uma poupancinha que eu deixo pra elas pra uma eventualidade, porque pelo menos o básico do básico aqui pra casa eu garanto (E10) [Grifo nosso].

d) Razões para estar trabalhando atualmente

Nesta seção, buscou-se conhecer a principal razão das entrevistadas estarem trabalhando atualmente. Cada entrevistada, de um modo geral, citou mais que uma razão. Porém, o Quadro 11 expõe a razão principal citada por cada mulher.

Quadro 11- Razões para estar trabalhando atualmente

Razões	Entrevistadas
Por prazer, por gostar	E1, E2, E3, E6, E7, E8, E14, E15, E17, E18, E12
Por necessidade	E5, E10, E11, E13, E16
Para ocupar o tempo	E4, E9

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Ao analisar as respostas, 11 (onze) mulheres, ou seja, 61,11% citaram como principal razão de estar trabalhando o fato de gostarem do fazem, sentir prazer e alegria em ver seus trabalhos prontos, ver quer outros também gostam e elogiam. A E1 afirma: “É simplesmente por gostar, porque a renda dava pra se ajustar, é por gostar mesmo, me realizo fazendo meus trabalhos!” (E1). A entrevistada E3 concorda: “Por prazer! Mais por prazer, não porque preciso mesmo, é porque eu gosto mesmo de fazer, ajuda na renda claro, mas é a satisfação de fazer, ver aquilo bonito, pronto, de entregar e as pessoas gostarem, sabe? As pessoas falam, comentam, pra mim é mais prazeroso” (E3) [Grifo nosso].

Outras 2 (duas) entrevistadas, comentaram que além de gostarem do que fazem, o trabalho ajuda na própria saúde delas. A entrevistada E8, que tem atualmente 65 anos, e respondeu: “porque eu amo meu trabalho e como já

falei, pra mim é muito importante, me ajuda a ocupar a cabeça, ficar sempre ativa, na minha idade isso é importante pra saúde, pra me deixar bem” (E8).

Seguindo a mesma linha de resposta, a entrevistada E7 respondeu: “Mais por prazer, porque eu entrei num ramo que eu não sabia que gostava, e gosto de fazer e vender! Não que seja tanta necessidade financeira, mais é pelo prazer de fazer e os outros gostar, achar bonito, gostar e comprar. Eu já fui depressiva, e agora fazendo meus trabalhos eu me sinto bem, não me sinto pensativa, me faz esquecer dos problemas e isso é uma terapia (E7) [Grifo nosso].

A segunda razão principal mais citada foi trabalhar primeiramente por necessidade. Das entrevistadas, 5 (cinco) mulheres, o que corresponde a 27,77% trabalham primeiramente para o sustento ou para ajudar em casa. A E10 menciona que não é só para o sustento, para ela também “é profissional, realização pessoal, envolve tudo” (E10), na opinião da E13 é “por necessidade, porque a gente precisa trabalhar, precisa ajudar em casa, hoje as coisas não são fáceis. Já se foi o tempo que o marido trabalhava e conseguia sustentar a casa” (E13) [Grifo nosso].

A entrevistada E11, fala sobre outras razões também, além da necessidade:

Faz pouco tempo que eu trabalho nesse serviço cuidando de uma senhora a noite. Eu passei um pouco de dificuldade, porque eu fiz um empréstimo pra um sobrinho meu e logo em seguida ele morreu, aí meu aposento foi lá embaixo. Antes eu pegava até sexta básica lá na pastoral, aí apareceu esse serviço pra mim, Deus mandou na hora certa. Até fazia meu crochezinho, mas não fazia tanto, agora to fazendo mais, porque tem época assim que a gente desanima, entra em depressão aqui sozinha, mas agora eu faço bastante, vendo e isso me ajuda na renda, me ocupa, passa o tempo, porque ficar aqui sozinha não é fácil (E11) [Grifo nosso].

Novamente, aliado a necessidade financeira vem sendo mencionado problemas com doenças em familiares. A E16 fala novamente que a razão de trabalhar é ajudar na renda, “quando eu comecei a trabalhar foi no mesmo ano que ele teve câncer e se eu não tivesse trabalhando ia ser bem complicado. Além de ajudar, é uma coisa que eu gosto, amo mesmo” (E16) [Grifo nosso].

Na mesma linha de resposta, a E5 responde: “Primeiro, porque tenho mesmo que ajudar na renda familiar, meu marido é aposentado e ganha pouco. Ele foi operado de hérnia de disco, então ele é aposentado com um

pouquinho mais que 1 (um) salário mínimo, sempre tenho que trabalhar pra ajudar” (E5), mas ela conclui: “outra razão é porque eu gosto mesmo de trabalhar, amo o que eu faço, e ajuda nas duas coisas, tanto na casa quanto na minha saúde, porque faço o que gosto” (E5) [Grifo nosso].

4.2.2 Expressões Cognitivas (poder de decisão e limites)

Para Kleba e Wendausen (2009), há certas situações em que o indivíduo deve sair da sua zona de conforto e submissão e se expor mais. O empoderamento acontece quando a pessoa utiliza do seu poder, estimulando outras habilidades e sentimentos como autoconfiança e determinação.

Dessa forma, a entrevista segue com questionamentos que ajudam a identificar o grau: de participação das mulheres nas decisões da casa; de independência/liberdade para tomar decisões sozinhas; de autoconfiança em trabalhar e conseguir renda própria; de participação nas ações da comunidade; e de influência na comunidade e também na família.

a) Grau de participação nas decisões da casa

Nesta seção, buscou-se verificar como funciona a tomada de decisão dentro dos lares e identificar o grau de participação das entrevistadas na tomada dessas decisões.

Primeiramente, o Quadro 12 divide as respostas em entrevistadas que participam e não participam das decisões e na sequência, através dos comentários, pode-se entender melhor o grau dessa participação.

Quadro 12- Participação nas decisões da casa

Participa nas decisões:	Entrevistadas:
Sim	E1; E2; E3; E4; E5; E7; E8; E9; E10; E11; E12; E13; E15; E16; E17
Não	E6; E14; E18

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Diante do Quadro 12, nota-se que 83,33% das entrevistadas, ou seja, 15 (quinze) mulheres responderam que participam nas decisões da casa.

Por meio dos comentários feitos pelas entrevistadas que afirmam participar nas decisões do lar, percebe-se que elas possuem voz ativa assim como o marido. Nas respostas, elas dizem tomar decisões em união com eles e que a voz dos seus cônjuges não tem mais poder do que a voz delas por eles serem homens.

Alguns comentários provam isso: “sempre eu e meu esposo tomamos decisões juntos, então assim, tanto a minha voz como a voz dele é ativa aqui pro nosso convívio” (E1), “lá em casa é tudo conversado, tudo que a gente vai fazer a gente senta, planeja e entra em acordo” (E2), “olha, lá em casa é 50%, porque tudo a gente conversa, principalmente em relação aos filhos” (E9) [Grifo nosso].

Uma das entrevistadas afirma que inclusive seu filho de 22 anos participa junto com ela e seu marido na tomada de decisões. “Nas decisões da casa nós combinamos, somos em três, tem nosso filho de 22 anos com nós, então a gente compartilha, ninguém faz nada sem combinar um com o outro. A minha voz é igual a deles, ninguém faz nada sem compartilha, funciona assim, com nós três” (E7) [Grifo nosso].

Vale ressaltar o comentário da E3, que anteriormente estava acomodada em esperar pelas decisões do marido, mas agora, viúva, precisou se adaptar às novas condições em decidir e resolver algumas situações por conta própria. Ela se expressa: “Olha, quando o meu marido estava vivo, geralmente era ele que dava a última palavra e agora não. Depois que eu fiquei viúva eu aprendi muita coisa, até então era meu marido que decidia, meu marido que resolvia e agora não, eu tive que aprender sozinha sabe, aprender a me virar” (E3) [Grifo nosso].

Apenas 3 (três) entrevistadas, correspondente a 16,66% das respostas, disseram que as decisões da casa ainda cabem ao marido tomar. Elas disseram que algumas vezes elas opinam, mas que a decisão final é apenas do esposo. Elas foram sinceras em dizer: “quem decide mais é meu marido, eu fico mais por fora, mais também dou minhas opiniões” (E14), “é

mais meu marido que toma as decisões, eu participo menos” (E6), “dou opinião, mas a palavra final é dele” (E18) [Grifo nosso].

b) Independência/liberdade para tomar decisões sozinhas

Nesta seção, buscou-se verificar se as entrevistadas tem certa independência e liberdade para tomar algumas decisões sozinhas, ou se elas precisam se reportar a alguém antes de fazê-lo.

O Quadro 13 apresenta as respostas organizadas e separadas, sintetizando quem apresentou ser independente, quem é parcialmente dependente, e quem mostrou ser totalmente dependente.

Quadro 13- Independência/liberdade para tomar decisões sozinhas

Tomada de decisões sozinhas	Entrevistadas
Independência	E1; E2; E3; E4; E8; E10; E11; E12; E14; E16; E17
Dependência Parcial	E5; E7; E9; E13; E18
Dependência Total	E6; E15;

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Considerando o Quadro 13, pode-se perceber que 11 (onze) mulheres, se consideram independentes e tem liberdade em tomar suas decisões sozinhas. Elas comentam: “sempre fui independente, faço as coisas que gosto, e nunca deixei de fazer nada que eu quisesse, ou deixei alguém me impedir, sempre batalhei e consegui” (E8), “me considero independente sim, sem ter interferência, a minha cabeça é erguida, não devo nada pra ninguém e meu marido nunca me prendeu em nada” (E16), a E17 também fala: “se eu quiser fazer alguma coisa não tenho que lá pedir pra ele. Se eu tomei minha decisão ele não se importa”, mas ela conclui “sempre é bom a gente decidir os dois quando é algo maior” (E17) [Grifo nosso].

Nas respostas das 4 (quatro) mulheres que tem certa dependência, percebe-se que como as decisões da casa são tomadas entre o casal, elas não se sentem a vontade em tomar decisões sozinha. Umas afirmam que até poderiam tomar alguma decisão sozinha, mas ficam inseguras e não acham que deveriam agir sem antes falar com o cônjuge. Procurariam verificar antes qual o tipo de decisão.

Por exemplo, a entrevistada E5 diz: “em algumas coisas eu tenho liberdade, mas em outras eu ainda dependo muito” (E5), a E7 e a E18 concordam: “nem todas as decisões, algumas coisas eu posso tomar sozinha, mas eu tenho marido e eu peço sim a opinião dele” (E7), “conseguir eu até consigo, mas não faço nada sem pedir a opinião dele antes” (E18) [Grifo nosso].

Na entrevista com a E9, ela separa, em assuntos simples ela decide sozinha, mas na maioria ela precisa conversar com o marido. Ela diz: “não vou mentir pra ti, tudo tem que conversar se não, dá problema! Se eu fosse sozinha, as decisões seriam só minha, mas como eu sou casada e ele é um pai bem participativo, ele acompanha tudo, então tudo tem que conversar, desde a educação das crianças até gasto de casa”, porém como agora ela possui renda própria, ela tem liberdade para tomar algumas decisões sozinha, “lógico como te falei, meu dinheiro é pra comprar minhas coisas, se eu disser pra ti que eu quero ir lá comprar alguma coisa, que eu tenho dinheiro, eu não preciso falar nada, porque aí eu tenho, mas antes de eu fazer meu artesanato, até uma simples encomenda do Avon eu tinha que pedir” (E9) [Grifo nosso].

Por fim, 2 (duas) mulheres disseram não ter independência e liberdade para tomar decisões sozinhas, precisam falar com o cônjuge antes. Elas relatam: “tudo o que eu vou fazer eu preciso falar com ele antes” (E6), “eu não tenho condições de tomar as decisões e fazer as coisas sozinhas, eu sou assim mais dependente, eu pergunto, eu quero saber a opinião. Eu acho que no fundo, no fundo, eu sou dependente”.

c) Autoconfiança em trabalhar e conseguir renda própria

Na presente seção, as entrevistadas foram questionadas sobre seus sentimentos de determinação, de força e autoconfiança. Buscou-se relatos sobre como se sentem em trabalhar e conseguir renda própria.

Todas as respostas foram positivas, as mulheres disseram se sentirem realizadas e confiantes ao realizar seus trabalhos. A auto estima aumenta ao fazerem seus trabalhos e receberem elogios. A E7 confirma: “eu

acho a minha auto estima lá no alto, eu me sinto assim realizada” (E7) [Grifo nosso].

A E1 diz: “eu me sinto confiante naquilo que eu faço, não tenho medo, porque é aquilo que eu sei fazer, tanto em sala de aula como no meu artesanato, eu sei trabalhar dessa forma (E1) [Grifo nosso].

Eu me sinto bem, principalmente quando alguém vem encomendar alguma coisa porque gostou do meu serviço, quando vêm elogios, entendeu? E a partir do ano passado que eu comecei a colocar meu artesanato pra vender na lojinha, fora isso era só de casa em casa, então lá muita gente vê, sabe? Às vezes a gente chega lá, a pessoa não sabe e diz “que toalha linda, quem que faz?!” , então é um orgulho assim dizer “fui eu que fiz!”, aí a pessoa diz: “nossa muito lindo, parabéns!”. Então isso te deixa motivada, feliz, aí a gente quer sempre fazer melhor, quando não está certo, desmancha tudo. Tem que ficar perfeito, pra depois vir à recompensa, os elogios, vir mais vendas, só coisas boas.(E9) [Grifo nosso].

Sobre a autoconfiança a entrevistada E10 também contribuiu: “autoconfiança é lá em cima, uma coisa que eu tenho orgulho é de dizer: “eu não dependo de ninguém pra nada” e eu não tenho medo de nada, independente do que acontecer, eu to firme e forte andando pra frente” (E10) [Grifo nosso].

O sentimento de força e determinação também aumenta quando elas olham tudo o que enfrentam, a dupla jornada de trabalho, os desafios do dia-a-dia e ainda sim conseguem cumprir com suas obrigações.

Fica evidente a determinação nas falas delas: “como eu me avalio? Guerreira, confiante e guerreira, porque trabalhar, cuidar de filho e da casa? Não é pra qualquer uma” (E2), “na minha idade, começar a trabalhar depois de velha, me considero uma heroína e ainda cuidar de uma casa, cuidar de um marido doente, criei e eduquei meus 2 (dois) filhos, tem que ser forte” (E16) [Grifo nosso].

d) Grau de participação nas ações da comunidade

Nesta seção, buscou-se verificar o grau de participação das entrevistadas nas ações da comunidade. O Quadro 14 identifica as entrevistadas que fazem alguma atividade social no bairro.

Quadro 14- Participação nas ações da comunidade

Participação	Entrevistadas
Sim	E1; E2; E3; E4; E7; E10; E12; E13; E14; E16; E17
Não	E5; E6; E8; E9; E11; E15; E18

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Ao observar o Quadro 14, percebe-se que as mulheres que fizeram parte dessa pesquisa costumam estar ativas na comunidade. As que afirmaram ter participação na comunidade foram 11 (onze) mulheres, o que corresponde a 61,11% das respostas. Para identificar melhor qual o grau de participação, o Quadro 15 separa por áreas de atuação.

Quadro 15- Áreas de participação na comunidade

Área na comunidade	Entrevistadas
Igreja	E1; E2; E3; E4; E7; E12; E13; E14; E16; E10
Grupo de terceira idade	E1; E4; E17
Pastorais	E7; E14; E17

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A área na comunidade que possui mais participantes são as igrejas, onde 9 (nove) dizem participar ativamente. Ao analisar as respostas, as entrevistadas comentam que os grupos religiosos em que estão ajudam a comunidade, principalmente as pessoas doentes ou carentes que estão passando necessidades.

Outras 3 (três) mulheres fazem parte de pastorais, que são grupos que trabalham em prol do desenvolvimento social. Por exemplo, na pastoral da criança é feito o acompanhamento das famílias e orientação sobre saúde, educação e nutrição das crianças na comunidade.

Por fim, 3 (três) entrevistadas fazem parte dos grupos de terceira idade, com atividades e orientações direcionadas ao desenvolvimento e qualidade de vida para os idosos. Pode-se concluir que o grau de participação das mulheres nas ações da comunidade é expressivo, mostrando que elas se preocupam não só com elas mesmas e com suas famílias, mas com a comunidade como um todo.

e) Influência na comunidade e também na família

A presente seção tem como objetivo identificar se as participantes da entrevista se consideram mulheres influentes na comunidade e na família. O Quadro 16 organiza as respostas obtidas nesta pesquisa.

Quadro 16- Influência na comunidade e na família

Área de influência	Entrevistadas
Na comunidade e na família	E1; E2; E4; E7; E10; E12; E13; E14; E16; E17;
Apenas na família	E3; E5; E8; E11; E15; E18
Apenas na comunidade	
Não se considera influente	E6; E9

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A área de influência mais frequente foi comunidade e família, 10 (dez) mulheres, correspondente a 55,55% das respostas, se consideram influentes tanto na família, como na comunidade. A entrevistada E7 diz: “me considero influente nas duas, bastante. Se é pra ajudar eu to pronta” (E7) [Grifo nosso].

Na sequência, 6 (seis) mulheres, correspondente a 33,33% das respostas, disseram ser influentes apenas na família, essa foi a segunda área de influência com maior número de respostas. A E8 comenta: “na comunidade não acho que eu seja influente, mas na família sim, com certeza, somos muito unidos e eles sempre pedem ainda minha opinião, minha ajuda” e a E15 fala que: “na família sim, sou influente, na comunidade não, claro, o que eu posso ajudar, eu ajudo, mas participar não me sobra tempo e eu sou assim mais fechada, mais reservada mesmo” (E15) [Grifo nosso].

Nenhuma das 18 (dezoito) entrevistadas se considera influente apenas na comunidade. Por fim, 2 (duas) mulheres responderam que não se consideram influentes nas áreas citadas, nem na família, nem na comunidade. Elas comentam: “na comunidade não sou influente. Na família, também não, fica mais por conta do meu marido as coisas” (E6), “na comunidade não me envolvo e na família também não, eu sou muito sossegada, sabe? Não gosto de estar me metendo” (E9) [Grifo nosso].

4.2.3 Expressões Políticas (inclusão da mulher e seus direitos)

No empowerment as mulheres passam a ter voz ativa, vão se incluindo na sociedade, aumentam a participação na medida em que as barreiras sociais perdem espaço (CARVALHO, 2004).

Portanto, a entrevista seguiu com questionamentos que ajudam a identificar a inclusão social das mulheres e seus direitos. Resgatando a trajetória profissional, análise da mulher frente ao mercado de trabalho e frente a sociedade.

a) Significado de sucesso

Nesta seção, ao questionar sobre o significado de sucesso para as entrevistadas, pode-se perceber algumas respostas semelhantes, o Quadro 17 apresenta a síntese desses achados.

Quadro 17- Significado de sucesso

Significado	Entrevistadas
Poder ajudar	E1
Alcançar objetivos	E2; E5; E10; E14; E18
Satisfazer a família	E3; E4; E9; E11; E17
Ser feliz, estar bem	E7; E8; E12; E13; E15; E16

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Algumas entrevistadas responderam mais que um significado cada uma, no Quadro 17 mostra as opiniões predominantes em cada entrevista. Na entrevista com a E1, ela cita como sucesso “tudo que está no alcance que a gente pode fazer pra ajudar”, porque ela justifica que quando se presta ajuda “é um grau que a gente sobe tanto na parte de felicidade, de alegria, de satisfação de estar ajudando, então pra mim isso é sucesso” (E1) [Grifo nosso].

Outras 5 (cinco) mulheres citaram que sucesso é poder alcançar seus objetivos, sejam eles grandes ou pequenos. Pode envolver aquisições materiais, como a E2 comenta “sucesso é a vitória de saber que tu planejou e

conseguiu adquirir, porque tu batalhou, trabalhou, pra mim é isso” (E2) [Grifo nosso], ou na opinião da E10, apenas chegar a noite com os objetivos do dia cumpridos.

Pra mim sucesso é anoitecer com tudo resolvido e acordar com um dia todo pela frente. É poder descansar sabe, hoje em dia falta pra muita gente o descanso, o verdadeiro significado da palavra “paz”, porque as pessoas trabalham o dia inteiro, elas lutam, batalham, chega a noite elas não dormem direito porque tem conta, porque o filho está na rua, porque brigou com não sei quem. Eu não tenho esses tipos de problemas, eu trabalho o dia inteiro, chego de noite eu estou cansada, esgotada fisicamente, mas eu deito no travesseiro e durmo a noite inteira, eu não perco o sono, eu não tenho insônia, pra mim sucesso é isso, deitar a cabeça no travesseiro e descansar. Eu não preciso de dinheiro, eu não preciso de conta farta, não preciso de conforto ou de uma casa luxuosa, eu deito e descanso pra mim é o suficiente (E10) [Grifo nosso].

Para a E14 é realizar seus sonhos e não deixar que nada a impeça de alcançar seus objetivos. Ela relata: “sucesso é ser assim uma grande guerreira, tudo o que eu quero fazer eu faço, não dependo de ninguém pra fazer as coisas, só dependo de Deus, então eu acho que eu sou uma guerreira e tenho bastante sucesso. Conseguí alcançar meus sonhos, meus objetivos, tu vê, com 60 anos eu terminei a 8ª série, eu tirei minha carteira de motorista, no começo meu marido não queria, mais eu consegui” (E14) [Grifo nosso].

Na concepção de outras 5 (cinco) o sucesso está relacionado em satisfazer a família e estar bem no convívio familiar. Por exemplo, ao serem questionadas sobre o significado de sucesso, as primeiras palavras ditas foram: “é ver meus filhos felizes, minhas noras felizes, minha família feliz, ver eles todos bem” (E11), “é ter a minha família unida, que pra mim é o importante” (E17), “pra mim o principal mesmo é a família, sucesso pra mim é eu chegar na escola e a professora encher meus filhos de elogios. Pra mim gratificação é isso, quando eu vejo eles bem, que está valendo a pena tudo o que eu faço, todo o meu esforço” (E9) [Grifo nosso].

Por fim, 6 (seis) entrevistadas relacionaram o sucesso em estar bem e ser feliz. Para elas, o dinheiro não é sinônimo de felicidade e o sucesso está ligado a outros fatores pessoais. Para a entrevistada E7, “sucesso é ser feliz, não precisa ter dinheiro, porque o dinheiro ajuda, mas não traz felicidade pra ninguém. Ter saúde, ter fé, força de coragem e vontade, pra mim sucesso é isso” (E7). Na entrevista com a E8, ela cita que “sucesso pra mim é estar de

bem com a vida” (E8) e para a E12, sucesso é “uma pessoa que se sente bem, e que seja uma pessoa que consiga viver e ser um exemplo pra outra pessoa, não adianta nada ser um político, mas ser corrupto, é uma pessoa sem sucesso, não tem como ser exemplo pra alguém” (E12) [Grifo nosso].

b) Trajetória profissional

Durante esta seção, buscou-se resgatar a trajetória profissional das mulheres entrevistadas. Cada uma contou um pouco sobre suas vidas, trabalhos realizados, dificuldades encontradas e histórias que auxiliam não só na compreensão das expressões políticas (inclusão da mulher e seus direitos), mas no empoderamento feminino como um todo.

Quando comecei dando aula foi difícil, porque na época não tinha ônibus, não tinha carro próprio, então foi bem difícil, andei bastante a pé, dependi bastante de carona. Mas o tempo foi passando e as coisas foram ficando melhor, hoje eu me sinto realizada no que eu fiz, e eu não tenho mágoa, não tenho tristeza daquilo que eu passei, pra mim foi uma história linda na minha vida, só agregou. Trabalhei mais como professora, também trabalhei na secretaria da escola, trabalhei na casa da cultura ajudando na parte de cursos profissionalizantes, mas tudo envolvendo a educação, então isso tudo é o que eu gosto. Só na educação eu trabalhei 32 anos, que foi onde eu me aposentei. Eu trabalhava mais de 1ª a 4ª série, até tentei trabalhar com o ginásio, mas não era aquilo ali. De 1ª a 4ª série eu dava todas as disciplinas. No início, a gente trabalhava como professora, merendeira, servente, era tudo na escola e ainda trabalhava com as quatro turmas junto, 1ª, 2ª, 3ª e 4ª série, cada uma numa fila, e o conteúdo tudo diferente pra casa um. Na 1ª série estavam aprendendo a ler, estavam iniciando, na 2ª série já tinham um grauzinho a mais e assim ia. Tinha que se virar, fazer o lanche e a limpeza também. Cada uma cuidava da sua sala, mas como as escolas do interior era só uma sala, a gente cuidava de tudo, limpeza da sala, da cozinha, do pátio, tudo a gente. E tinha aula de educação física que a gente mesmo que dava, e a aula de artes, que hoje em dia é tudo separadinho, a gente que dava. Todas as disciplinas. Já fiz parte da diretoria da escola, mas bem pouco tempo, só quando era escola pequena que aí sim a gente era da diretoria (E1) [Grifo nosso].

“De tudo eu fiz um pouco. Trabalhei em comércio, durante 10 anos, depois saí, trabalhei em fábrica de roupas, depois trabalhei de doméstica,

depois voltei pro comércio, e agora faço eventos pra formatura, casamentos e faço meus trabalhos de artesanato” (E2) [Grifo nosso].

Eu comecei trabalhando em loja como balconista, com 14 anos, aí trabalhei um tempo, depois casei, trabalhei acho que um ano de balconista depois de casada, aí parei porque tive meus dois primeiros filhos. Depois voltei trabalhando como auxiliar de limpeza num colégio particular aqui na içara, onde trabalhei por 10 anos nesse colégio, depois saí do colégio, aí fiquei só com cantina. Eu montei uma cantina nesse colégio, depois em um colégio do estado também, fiquei um tempo, acho que uns 6 (seis) anos na cantina também, depois o governo cancelou cantinas nos colégios, aí parei. Fui trabalhar com minha irmã, trabalhei na casa dela e foi meu ultimo emprego. Atualmente sou pensionista e tenho o artesanato como uma renda extra (E3) [Grifo nosso].

Fiz muita coisa. A minha profissão começou na roça com meus pais, na época a gente tinha engenho de farinha e de açúcar, o pai acordava nós tudo cedo pra botar as canas pra moer, isso desde pequena até meus 20 anos, trabalhando junto. Na farinha também, acordava cedo, ia pro raspador, tudo a mão, raspar mandioca e a gente tocava a mão, cortava o pé da mandioca, lavava, levava pro secador, depois a gente tirava a massa, botava na prensa, enxugava, pra depois fazer a farinha, no forno, agora é tudo simples, porque agora é tudo a motor, mas antes a gente morria a trabalhar. Às vezes eu digo até pros filhos, naquele tempo a gente trabalhava de mais e hoje trabalha em qualquer servicinho já diz que está cansada. Cansada é naquele tempo quando nós ia pra roça com meu pai pra plantar feijão, nós vinha toda preta igual aos mineiros, de carvão, porque queimava os matos secos e a gente ficava toda encarvoada, chegava em casa tomava banho numa bacia porque não tinha chuveiro, não tinha luz elétrica, não tinha nada, hoje é tudo mais simples, hoje tem tudo e eles ficam reclamando, até um pecado. Depois dos meus 20 anos ia pescar com meu marido, nós botava rede, quando chegava de manhã ia lá tirar todo o camarão que tinha ali. Eu ajudava meu marido a pescar com tarrafa também, pegava minha tarrafa, ia com meu marido de canoa, ele tarrafeava de um lado da canoa e eu do outro, muitos peixes nós pegamos assim e vendia o peixe, o camarão, descascava siri, descascava camarão, tudo em Maruí. Depois que eu vim pra cá, durante 7 anos meu marido fez hemodiálise em Criciúma, por causa da insuficiência renal. Em 2002 ele morreu. Vai fazer 20 anos que estou aqui, aí eu deixei de pescar. Quando vim, eu estava contribuindo com INSS, continuei contribuindo aqui, aí fiz 55 anos, coloquei os papéis no INSS e veio a aposentadoria, um salário mínimo. Antes, em Maruí eu vendia mais era as tarrafas que eu fazia, depois que vim pra cá que foi os outros artesanatos (E4) [Grifo nosso].

c) Mulher e o mercado de trabalho

Esta seção tem como objetivo identificar aspectos da relação entre a mulher e o mercado de trabalho ao longo do tempo. As entrevistadas foram questionadas se já perderam alguma oportunidade de trabalho por ser mulher, se elas acham que atualmente existe dificuldade para as mulheres chegarem a cargos mais reconhecidos e por fim, se as entrevistadas percebem diferença em como era a atuação da mulher no mercado de trabalho desde a infância delas até hoje. As respostas foram sintetizadas no Quadro 18.

Quadro 18- Mulher e o mercado de trabalho

Entrevistadas	Perda de trabalho	Dificuldade de ascensão	Evolução na atuação
E1	Não	Sim	Sim
E2	Não	Não	Sim
E3	Não	Sim	Sim
E4	Não	Sim	Sim
E5	Não	Não	Sim
E6	Não	Não	Sim
E7	Não	Sim	Sim
E8	Não	Não	Sim
E9	Não	Sim	Sim
E10	Não	Não	Sim
E11	Não	Não	Sim
E12	Não	Sim	Sim
E13	Não	Sim	Sim
E14	Não	Não	Sim
E15	Não	Sim	Sim
E16	Sim	Sim	Sim
E17	Não	Não	Sim
E18	Não	Não	Sim

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Ao serem questionadas se já perderam alguma oportunidade de trabalho por ser mulher, 17 (dezessete) disseram que nunca perderam. Apenas 1 (uma) entrevistada diz ter perdido uma oportunidade de emprego, a razão não foi pela empresa ter escolhido um homem para o cargo, ou por algum tipo de preconceito. Ela justifica que sua obrigação como mãe falou mais alto, “já perdi quando eu tinha meus filhos pequenos, porque eu não quis deixar com ninguém, então já perdi muita oportunidade de trabalho por esse motivo, eles

eram pequenos, então eu preferi ficar com eles, cuidar e educar” (E16) [Grifo nosso].

As opiniões das entrevistadas sobre há dificuldade para as mulheres chegarem a cargos mais reconhecidos ficaram equilibradas. 9 (nove) responderam que ainda há dificuldade. Os comentários foram semelhantes ao da E9 que diz “tanto há dificuldade de chegar como há a diferença de salários, às vezes a mulher ocupa o mesmo cargo que o homem mais não recebe o mesmo salário” (E9) [Grifo nosso].

Outras 9 (nove) entrevistadas, disseram que atualmente as mulheres já se igualaram ao homem nesse sentido. Comentaram que há tempos atrás havia essa dificuldade, era uma outra época, mas hoje não existe mais, a mulher possui os mesmos direitos. A entrevistada E8 diz que “hoje se a mulher realmente quer, ela se esforça, luta e consegue sim” (E8), a E10 acrescenta: “pra crescer dentro da função em que exercer eu não vejo que pelo fato de ser mulher possa impedir alguma coisa, sedo competente eu acho que tem tudo pra ir pra frente, não acho que tem limitação, não” (E10) [Grifo nosso].

Todas as entrevistadas perceberam evolução na atuação da mulher no mercado de trabalho. Elas comentaram que antes a mulher não podia trabalhar, pois era discriminada. As mulheres ficavam mais em casa, cuidando dos filhos e das tarefas do lar.

“Com certeza evoluiu. Antigamente, a mulher não tinha vez pra nada, casava e ficava em função da casa, filhos, lavar roupa e hoje a mulher entra no mercado de trabalho e faz qualquer tipo de serviço” (E17) [Grifo nosso].

“Apesar de ainda ter esses preconceitos, as mulheres hoje tem mais oportunidades do que na minha época, eu acho que evolui bastante da época que eu era nova, agora tem mais cargos, até o salário, elas ganham mais, eu acho que evolui sim” (E3) [Grifo nosso].

d) Mulher e a sociedade

Ao decorrer desta seção, buscou-se identificar a evolução da relação entre a mulher e a sociedade ao longo do tempo. Nas entrevistas, foram

levantados questionamentos verificando se em algum momento as entrevistadas tiveram alguma abordagem da sociedade negativa por ser mulher, se elas acham que a sociedade ainda separa a função entre homem e mulheres, se a sociedade ainda é preconceituosa (machista) e se elas percebem evolução na participação social da mulher ao longo do tempo. As respostas foram sintetizadas no Quadro 19.

Quadro 19- Mulher e a sociedade

Entrevistadas	Abordagem negativa	Separa função	Preconceito (machismo)	Evolução na participação
E1	Não	Sim	Sim	Sim
E2	Não	Sim	Sim	Sim
E3	Não	Sim	Sim	Sim
E4	Não	Sim	Sim	Sim
E5	Não	Sim	Sim	Sim
E6	Não	Sim	Sim	Sim
E7	Sim	Sim	Sim	Sim
E8	Não	Não	Não	Sim
E9	Não	Sim	Sim	Sim
E10	Não	Sim	Sim	Sim
E11	Não	Não	Não	Sim
E12	Não	Sim	Sim	Sim
E13	Não	Sim	Sim	Sim
E14	Não	Não	Sim	Sim
E15	Não	Sim	Sim	Sim
E16	Não	Não	Sim	Sim
E17	Não	Não	Não	Sim
E18	Não	Sim	Sim	Sim

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Apenas 1 (uma) entrevistada disse já ter tido uma abordagem da sociedade negativa. Ela relata que após o divórcio do primeiro casamento, sua mãe não deixava sair com outras moças solteiras, porque as pessoas faziam comentários maldosos. Ela conta: “naquela época se a mulher se separava ela não podia sair com as moças solteiras e esse preconceito eu sofri muito, porque eu me separei, meu primeiro casamento não deu certo, aí eu não saia

de casa, porque a mãe não deixavam, e quanto eu saía, o povo falava” (E7)
[Grifo nosso].

Das entrevistadas, 13 (treze) acham que a sociedade ainda separa a função entre homens e mulheres e 15 (quinze) também afirmam que a sociedade ainda é preconceituosa (machista).

Todas as mulheres que participaram das entrevistas perceberam evolução na participação social feminina. Vale ressaltar o comentário da E1, que diz:

Hoje em dia a mulher tem a coragem de sair na rua, de pedir, de reivindicar, naquela época Deus o livre, a mulher até ia, mas diziam que elas estavam fazendo baderna. Hoje em dia a mulher tem voz mais ativa. Eles interpretavam errado as mulheres nessa situação, diziam que ela era vulgar. Na política, quando eu era pequena, eu me lembro, quando diziam que a mulher estava na política era porque ela era comunista, não era igual agora que a mulher agrega dentro da política, é considerada uma mulher que trabalha pela comunidade
(E1) [Grifo nosso].

4.2.4 Expressões Psicológicas (motivação/autoconfiança)

A entrevista seguiu buscando identificar as expressões psicológicas, que envolvem motivação e autoconfiança.

a) Significado de bem estar

Nesta seção, as entrevistadas foram questionadas sobre o significado de bem estar. Saber o que as deixa bem, está ligado à autoconfiança e a motivação de vida dessas mulheres. Notaram-se algumas respostas semelhantes, portanto o Quadro 20 apresenta a síntese desses achados.

Quadro 20- Significado de bem estar

Significado	Entrevistadas
Estar bem com a família	E1; E3; E4; E5; E6; E8; E9; E10; E11; E12; E14; E15; E17; E18

Estar bem consigo, com a vida	E1; E2; E3; E7; E8; E13; E14; E16
Estar bem com o próximo (amigos, vizinhos)	E1; E4; E7; E8; E9; E14;
Ter saúde	E3; E4; E5; E12; E18
Fazer o que gosta	E8; E9; E10; E15

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Algumas entrevistadas responderam mais que um significado cada uma, no Quadro 20 mostra as opiniões predominantes nas entrevistas. As respostas foram semelhantes entre as entrevistadas. Estar de bem com a vida, consigo e principalmente com a família foi o mais citado. Elas associaram também bem estar com a saúde e em fazer o que gosta. Abaixo são alguns comentários coletados:

“Bem estar? É estar de bem com a vida, ter saúde. Pra mim o importante é ver meus filhos bem, se os meus filhos estão bem, eu estou muito bem. O meu bem estar é o bem estar deles” (E3) [Grifo nosso].

“É ter saúde, ser alegre com as pessoas, com os filhos, com os amigos, vizinhos, com tudo! Eu gosto de ser disponível e alegre sempre” (E4) [Grifo nosso].

“Bem estar pra mim é estar de bem com a vida, com o coração limpo, ter amizade com as pessoas, ser alegre, ajudar quando a gente pode e participar das atividades da comunidade” (E7) [Grifo nosso].

“É estar de bem com a vida, não ter tristeza. Sou bem positiva, só olho pra frente!” (E16) [Grifo nosso].

“É estar bem consigo mesmo, bem com os outros, com a família e fazer o que gosta” (E8) [Grifo nosso].

c) Relato de um sonho

O objetivo desta seção é identificar se as entrevistadas possuem sonhos. O foco não é saber qual o tipo ou quantidade de sonhos, mas o fato de sonhar está novamente fazendo uma ligação a motivação de vida dessas mulheres. As respostas foram sintetizadas no Quadro 21.

Quadro 21- Relato de um sonho

Sonhos	Entrevistadas
Possui sonhos	E3; E4; E8; E10; E11; E14; E16; E17
Está realizando	E1; E2; E12
Não possui sonhos	E6; E15; E18
Está realizada	E5; E7; E9; E13;

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Ao analisar as respostas, 8 (oitos) entrevistadas afirmam ter um sonho e se mostram confiantes de que irão realizá-los. Os sonhos variam de mulher para mulher, mas o importante é sonhar, ter o sentimento de confiança de que vai conquistar e ter a motivação para agir.

Por exemplo, a entrevistada E3 já realizou seu sonho de ser avó, ela diz que “agora o meu sonho é ter uma casinha, um pouquinho melhor e eu vou realizar esse sonho” (E3) [Grifo nosso].

Outras 3 (três) mulheres disseram que seus sonhos no momento estão sendo realizados. Para a entrevistada E2, “meu sonho está sendo realizado, queria que meus dois filhos fizessem faculdade, uma já começou e se Deus quiser o menino de 11 anos quando for maior vai conseguir também” (E2) [Grifo nosso].

Foram 3 (três) entrevistadas que disseram não haver nenhum sonho atualmente e outras 4 (quatro) entrevistadas não possuem sonhos, mas se consideram realizadas.

4.2.5 Expressões do Ambiente Familiar (reconhecimento familiar e apoio)

Segundo Kawaguchi (2014), a família tem papel encorajador e auxilia no aumento da independência feminina. Para Haque (2011), a participação ativa das mulheres no planejamento e organização do lar, fortalece sentimentos de empoderamento: auto estima, determinação e autoconfiança.

Portanto, a pesquisa seguiu com questionamentos que possam ajudar a identificar as expressões do ambiente familiar envolvendo reconhecimento familiar e apoio.

a) Perfil familiar

O objetivo desta seção é apenas identificar qual o perfil familiar em que estas mulheres estão inseridas. Para isso, foi questionado o estado civil delas e se possuem filhos. As respostas foram organizadas no Quadro 22.

Quadro 22- Perfil familiar

Entrevistadas	Estado Civil	Filhos
E1	Casada	Sim
E2	Casada	Sim
E3	Viúva	Sim
E4	Viúva	Sim
E5	Casada	Sim
E6	Casada	Sim
E7	Casada	Sim
E8	Casada	Sim
E9	Casada	Sim
E10	Divorciada	Sim
E11	Divorciada	Sim
E12	Casada	Sim
E13	Casada	Não
E14	Casada	Sim
E15	Casada	Sim
E16	Casada	Sim
E17	Casada	Sim
E18	Casada	Sim

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Atualmente, 14 (quatorze) das entrevistadas estão casadas, correspondente a 77,77% das respostas. 2 (duas) entrevistadas são viúvas e as outras 2 (duas) são divorciadas.

Apenas 1 (uma) entrevistada não possui filhos, as outras 17 (dezesete) tem pelo menos um filho.

b) Significado de família

Família é um fator que influencia em todas as outras expressões de empoderamento, tanto que várias vezes a palavra família aparece nas respostas das entrevistadas, mesmo sem ser o tema central da pergunta.

Portanto, o objetivo desta seção é identificar qual o significado de família para as mulheres que participaram nesta pesquisa. As respostas foram sintetizadas no Quadro 22.

Quadro 23- Significado de família

Significado	Entrevistadas
É a base de tudo	E1; E2; E4; E5; E6; E7; E8; E9; E10; E11; E12; E13; E14; E15; E16; E17; E18
É o amor, a união	E3; E7;

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

As respostas foram próximas e praticamente unânime em dizer que a família significa tudo na vida. A entrevistada E3 e a E7, fizeram algumas contribuições que se diferenciaram das outras, elas disseram: “é o amor, é união, é o prazer de ter eles aqui a minha volta, sabe? É um amor incondicional que a gente sente, filhos é tudo, são a minha realização” (E3), “pra mim é união, se unir, ser amigos, compartilhar juntos, um ajudar o outro, ser participativo, estar sempre junto, pra mim família é tudo. Dou muito valor, porque já fui criada assim, com meus 11 irmãos, ninguém ia dormir sem fazer oração junto com meu pai. O que meu pai deixou de herança foi a dignidade, ser digno, ser fiel, ter palavra e é o que eu preservo na vida” (E7) [Grifo nosso].

d) Avaliação do reconhecimento e do incentivo por parte da família em cada trajetória de vida

Todas as entrevistadas responderam terem sido incentivadas pelas famílias nas suas trajetórias de vida. Elas falam que foi por causa desse apoio e reconhecimento que conseguiram alcançar seus objetivos.

A entrevistada E7 menciona: “me ajudaram bastante, contribuíram, sempre fomos uma família unida, até hoje. Eu tive bastante dificuldade e tive bastante ajuda da família e tenho ainda hoje” (E7) [Grifo nosso].

Outro comentário que se destacou, foi o da E10: “na minha trajetória de vida, a base, pai e mãe, foram tudo, eles te ensinam o certo e o errado, te levantam quando tu cai, te ajudam quando tu está precisando e isso eu sempre tive. Pra mim a família sempre foi a base de tudo e em certas decisões sérias, difíceis de tomar, é lá que eu busco a resposta certa” (E10) [Grifo nosso].

E por fim, na contribuição feita pela E9, ela afirma que em determinada situação na sua vida, ela não teve imediato apoio dos pais, mas depois eles a entenderam e a apoiaram. “Quando eu casei foi difícil, no começo sempre há rejeição, até porque eu casei grávida, com 15 pra 16anos, não é fácil um pai e uma mãe aceitar, mas graças a Deus eles entenderam e continuaram me apoiando” (E9) [Grifo nosso].

4.3 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Foram colhidos contribuições de 18 (dezoito) mulheres que aceitaram em participar neste estudo, onde foram feitas entrevistas com perguntas abertas, permitindo que essas mulheres entrevistadas tenham maior abertura e compartilhem mais suas opiniões e conhecimentos facilitando a compreensão das expressões de empoderamento.

Primeiramente foi feito uma análise de perfil das entrevistadas. Podem-se perceber na pesquisa, contribuições de mulheres de diversas faixas etárias, as idades variaram com abaixo de 35 anos até mulheres acima de 60 anos. O grau de instrução das entrevistadas também variou, algumas não chegaram a concluir o ensino fundamental, enquanto outras concluíram o ensino superior. Segundo Carvalho (2004), o empoderamento está associado

na capacidade do indivíduo administrar sua própria vida, mas analisando as contribuições, algumas mulheres relataram terem sido proibidas de dar continuidade aos estudos. Já outras usaram do poder, o mesmo citado por Kleba e Wendausen (2009), onde saíram de uma zona de submissão e buscaram alcançar seus objetivos.

As expressões socioeconômicas foram percebidas em diferentes maneiras. Algumas mulheres disseram que a renda vinda dos seus trabalhos é apenas para uso pessoal e não é utilizada nos gastos familiares. Outras afirmaram que suas rendas são essenciais no orçamento familiar e outras disseram que todo o sustento do lar vem da remuneração recebida por elas. Mas segundo Haque (2011) independente do real impacto de cada renda, ter certa independência econômica é fundamental para o processo de autonomia e essas mulheres comentaram o sentimento de realização ao conquistarem a renda própria.

No que se refere a expressões cognitivas, Haque (2011) também fala da importância da participação nas decisões do lar e as entrevistadas mostraram ter voz ativa quanto a tomarem decisões sejam elas familiares ou individuais. O autor afirma que as expressões cognitivas impactam nas expressões psicológicas. Nas entrevistas, foi observado esse ponto, pois se percebeu que as mulheres ao passo que aumentaram o poder de decisão, conseguiram a renda própria, sentem a realização de trabalhar com o que gostam e impactou no aumento da motivação e autoconfiança delas.

Segundo Kleba e Wendausen (2009), nas expressões psicológicas o indivíduo passa a ter percepção de suas forças, habilidades e competências. Diante dessa percepção, as entrevistadas desenvolveram uma atitude positiva e de autoconfiança.

As expressões do ambiente familiar influencia no processo de empoderamento segundo Kawaguchi (2014). A família que provê suporte à mulher contribui para a diminuição da dependência dela, pois cria motivação e coragem para buscarem seus objetivos e todas entrevistadas citaram a importância do apoio que tiveram da família.

As entrevistadas também apresentaram maior sentimento de inclusão social. Reconhecem que apesar de preconceitos ainda existentes na sociedade, a mulher tem ganhado espaço no que diz respeito ao mercado de trabalho e atividades sociais e políticas. Segundo Carvalho (2004), os indivíduos participam não só nas decisões particulares e do lar, como também nas coletivas, quando participam de assembleias, ações, movimentos e projetos sociais. Analisando as entrevistas, as mulheres mostraram concordância com o autor ao observarem que conforme a inclusão vai ocorrendo, as barreiras vão perdendo força, e disseram ocorrer isso principalmente na política.

5 CONCLUSÃO

O objetivo dessa pesquisa foi conhecer as expressões de empoderamento feminino das mulheres que participam nos núcleos de inclusão produtiva dos clubes de mães da Içara-SC.

Sinais de empoderamento foram observados nas expressões socioeconômicas mostrando que as mulheres têm o desejo de trabalhar e ter renda própria e inclusive, atualmente contribuem com a renda familiar. Muitas consideram suas rendas como impactantes e essenciais para o orçamento familiar, algumas até mesmo sustentam o lar apenas com suas rendas.

Sobre as expressões cognitivas, foi tratado sobre poder de decisão e limites, onde as entrevistadas afirmam exercer influência e ter voz ativa tanto na família, como na comunidade. Elas participam nas decisões do lar, tem certa liberdade em tomar suas próprias decisões, se sentem autoconfiantes em conseguir a renda própria e seguras ao realizarem os trabalhos que gostam.

Nas expressões políticas, tratou-se sobre a inclusão da mulher no mercado de trabalho e na sociedade. Nas contribuições, pode-se perceber que na opinião das entrevistadas que as mulheres, apesar de ainda enfrentar preconceitos, estão ganhando espaço. Elas notam queda nas barreiras sociais e evolução na inclusão social feminina.

No âmbito psicológico, notou-se que a motivação e autoconfiança é reflexo das outras expressões. Ao passo que as mulheres diminuem sua subordinação, conseguem renda própria, aumentam o poder de decisão, trabalham com o que gostam, impacta também no crescimento da motivação e autoconfiança.

Por fim, as expressões do ambiente familiar, envolvendo reconhecimento familiar e apoio, é um fator que para as entrevistadas influencia em todas as outras expressões de empoderamento. Para essas mulheres, a família é a base de tudo, está ligado ao bem estar e a motivação das vidas delas.

Conhecer essas expressões auxilia a compreensão de empoderamento e expõe as mudanças que tem ocorrido na sociedade no que se refere ao gênero feminino. Percebe-se que o empoderamento tem uma

abrangência muito maior e não fica limitado a mulheres com cargos gerenciais. Ele também acontece, como mostrou casos nesta pesquisa, por exemplo, em mulheres que eram donas de casa e buscaram diminuir sua dependência. Conquistaram renda própria, empreenderam, abriram seu próprio negócio, aumentaram a participação nas decisões familiares e na sociedade.

Vale ressaltar que a análise das expressões de empoderamento foi feito com uma amostra das mulheres que participam dos núcleos de inclusão produtiva dos clubes de mães da Içara-SC. Considerando o aumento do interesse nos estudos para compreensão das relações de gênero e a falta de pesquisas relacionadas ao tema, sugere-se desenvolvimento de novos estudos sobre este tema aplicado em outras áreas.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, W. F.; ALMEIDA, S. C. C. Por uma história das mulheres: historiografias e fontes na colônia. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA COLONIAL, 2, 2008, Caicó. **Anais eletrônicos...** Caicó, 2008.

Disponível em:

<http://www.cerescaico.ufrn.br/mneme/anais/st_trab_pdf/pdf_11/valquiria_st11.pdf> Acesso em: 05out. 2014.

ALVES, José Eustáquio Diniz. **Rompendo o teto de vidro: a revolução silenciosa e o empoderamento das mulheres no século XXI**. Disponível em: <<http://opensadorselvagem.org/ciencia-e-humanidades/demografia/rompendo-o-teto-de-vidro-a-revolucao-silenciosa-e-o-empoderamento-das-mulheres-no-seculo-xxi>>. Acesso em: 25 out. 2014.

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Atlas, 2001.

ARAUJO, Luis César G. de. **Organização, Sistemas e Métodos e as Tecnologias de Gestão Organizacional**. São Paulo: Atlas, 2006. 473p.

BAQUERO, Rute Vivian Angelo. Empoderamento: instrumento de emancipação social?—uma discussão conceitual. **Revista debates**, v. 6, n. 1, p. 173, 2012.

BERVIAN, P. A.; CERVO, A. L. **Metodologia Científica**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2002.

BERVIAN, P. A.; CERVO, A. L.; SILVA, R. **Metodologia Científica**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

BUHLER, Nelda. **O empoderamento das mulheres envolvidas nas atividades de turismo rural no roteiro “Caminhos de Pedra”, Bento Gonçalves, RS**. 2011. 46 f. Monografia (Curso de Graduação Tecnológico em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural) – Faculdades de Ciências Econômicas da UFRGS.

CARVALHO, Sergio Resende. Os múltiplos sentidos da categoria: “empowerment” no projeto de Promoção à Saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.20, n.1, p.1-8, ago. 2004.

CHIAVENATO, Idalberto. **Comportamento Organizacional: a dinâmica do sucesso das organizações – 2ª Ed.** - Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

COSTA, Ana Alice. Gênero, poder e empoderamento das mulheres. **Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (Neim/Ufba)**, 2000.

DEMO, P. **Metodologia científica em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1981.

DIEESE-DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS. **A MULHER TRABALHADORA**

CATARINENSE. Disponível em:

<<http://www.dieese.org.br/dieese/projetos/FECESC/trabalhadoraCatarinense.pdf>>. Acesso em: 06 set. 2013.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. **Estudos avançados**, v. 17, n. 49, p. 151-172, 2003.

FRANCO, Dayane Sousa; LIMA, Luana Almeida. Empowerment: dinamizando o processo decisório nas organizações. **Administradores: O portal da Administração, Brasil**, v. 1, n. 1, p.1-6, 29 set. 2010.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GREASLEY, Kay et al. Employee perceptions of empowerment. **Employee relations**, v. 27, n. 4, p. 354-368, 2005.

HAQUE, Md et al. Women empowerment or autonomy: A comparative view in Bangladesh context. **Bangladesh e-Journal of Sociology**, v. 8, n. 2, p. 17-30, 2011.

HERRIGER, Norbert. **Empowerment in der sozialen Arbeit: eine Einführung**. W. Kohlhammer Verlag, 2006.

HONOLD, Linda. A review of the literature on employee empowerment. **Empowerment in organizations**, v. 5, n. 4, p. 202-212, 1997.

KANAN, Lilia Aparecida. Poder e liderança de mulheres nas organizações de trabalho. **Revista Organizações & Sociedade**, v. 17, n. 53, p. 243-257, 2010.

KAWAGUCHI, Leo et al. Dimensions of Women's Empowerment and Their Influence on the Utilization of Maternal Health Services in an Egyptian Village: A Multivariate Analysis. **Nagoya journal of medical science**, v. 76, n. 1-2, p. 161-171, 2014.

KLEBA, Maria Elisabeth; WENDAUSEN, Agueda. Empoderamento: processo de fortalecimento dos sujeitos nos espaços de participação social e democratização política. **Saúde e Sociedade**, v. 18, n. 4, p. 733-743, 2009.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LIMA, Luanda de Oliveira *et al.* As mulheres e o setor bancário: relações de dominação em novos e velhos contextos. **Revista Habitus: revista eletrônica dos alunos de graduação em Ciências Sociais - IFCS/UFRJ**, Rio de Janeiro, p.112-124, jul. 2010.

LUTTRELL, C. QUIROZ, S. **Understanding and operationalising Empowerment**. London: Overseas Development Institute, 2009.

LUZ, A. F.; FUCHINA, R. A evolução histórica dos direitos da mulher sob a ótica do direito do trabalho. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE CIÊNCIA POLÍTICA DA UFRGS, 2, 2009, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...** Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009. p. 16. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/nucleomulher/arquivos/artigoalex.pdf>. Acesso em: 05out. 2014.

MALHOTRA, A.; SCHULER, S. R.; BOENDER, C. **Measuring Women's Empowerment as a Variable in International Development**. World Bank Workshop on Poverty and Gender: New Perspectives. 2002.

MERRILL, W. C.; FOX, K. A. **Estatística Econômica: Uma Introdução**. São Paulo: Atlas, 1977. 738 p.

MILLS, D. Q. **Empowerment – um imperativo: seis passos para se estabelecer uma organização de alto desempenho**. Rio de Janeiro: Campus, 1996.

OLIVEIRA, Ualison Rebula de; MARINS, Fernando Augusto Silva; ALMEIDAC, Dagoberto Alves de. Integrando técnicas e procedimentos de gestão de operações: uma aplicação em um banco comercial brasileiro de grande porte. 2010.

PAROLIN, Sonia Regina Hierro; DE ALBUQUERQUE, Lindolfo Galvão. GESTÃO ESTRATÉGICA DE PESSOAS PARA A INOVAÇÃO: CASO DO LABORATÓRIO HERBARIUM DOI: 10.5585/rai.v6i2.376. **RAI: revista de administração e inovação**, v. 6, n. 2, p. 135-156, 2009.

PAZ, R. D. O. Código de ética: reafirmar a função pública de conselheiros e conselheiras. **Serviço Social e Sociedade**, n.85, p. 117-122, 2006.

ROWLANDS, Jo. **Questioning empowerment: Working with women in Honduras**. Oxfam, 1997.

SANTOS, A. R. **Metodologia Científica: a construção do conhecimento**. 6.ed. Riode Janeiro: DP&A, 2004.

SLACK, Nigel. **Administração da Produção**. 2ª edição, Editora Atlas, São Paulo, 2007.

SOUSA, Rosa Maria Borges Cardoso de; MELO, Marlene Catarina de Oliveira Lopes. Mulheres na gerência em tecnologia da informação: análise de expressões de empoderamento. **Revista de Gestão Usp**, São Paulo, p.1-16, 03 fev. 2009

WILKINSON, Adrian. Empowerment: theory and practice. **Personnel review**, v. 27, n. 1, p. 40-56, 1998.

YANG, Seung-Bum; CHOI, Sang Ok. Employee empowerment and team performance: Autonomy, responsibility, information, and creativity. **Team Performance Management**, v. 15, n. 5/6, p. 289-301, 2009.

APÉNDICE(S)

APÊNDICE A - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Perfil

1. Qual o ano que você nasceu?
2. Grau de instrução
3. Com que idade você iniciou no mercado de trabalho?
4. Você buscou conhecimento, fez algum curso relacionado a sua atividade hoje?
5. Você participa do Núcleo de Inclusão Produtiva da FAI? Há quanto tempo?

Expressões Socioeconômicas

1. Você sempre teve o desejo de trabalhar e ter sua renda?
2. Como você administra sua vida? Como você administra sua carga horária?
3. Você sempre contribuiu com a renda familiar, ou teve algum momento em que você dependeu de alguém?
4. Atualmente, como é sua contribuição com a renda familiar? Causa impacto? É significativa?
5. Quais as razões de estar trabalhando hoje?

Expressões Cognitivas (poder de decisão e limites)

1. Você como mulher, como você avalia a sua atuação na sua família, ou seja, qual o grau de participação nas decisões da casa?
2. Você se considera uma pessoa independente? Tem liberdade para tomar decisões sozinhas sem depender de alguém?
3. Como você avalia sua autoconfiança em trabalhar e conseguir sua própria renda?
4. Você se sente uma mulher forte, guerreira e determinada?
5. Qual o seu grau de participação nas ações da sua comunidade, seu bairro?
6. Você se considera uma pessoa influente na sua comunidade e também na sua família?

Expressões Políticas (inclusão da mulher e seus direitos)

1. O que significa sucesso para você?
2. Você poderia relatar como foi a sua trajetória profissional ao longo de sua carreira?
3. Você sente que tem independência/liberdade profissional/pessoal para realizar tuas vontades?
 - a. Essa independência diminuiu ou aumentou ao longo do tempo? Por que você acha isso?
4. Em algum momento você perdeu alguma oportunidade de trabalho por ser mulher?
5. Você acha que hoje existe dificuldade para as mulheres chegarem a cargos mais reconhecidos?
6. Em algum momento por você ser mulher, teve alguma abordagem da sociedade negativa?
7. Você acha que a sociedade ainda separa a função entre homem e mulheres?
8. Você acha que a sociedade ainda é preconceituosa, machista?
9. Você percebe diferença em como era a atuação da mulher no mercado de trabalho desde a sua infância até hoje?
10. Você percebe evolução na participação social daquela época para hoje?

Expressões Psicológicas (motivação/autoconfiança)

1. O que significa bem estar para você?
2. Como é estar bem em casa ou no trabalho? Como e administrar duas jornadas de trabalho?
3. Você poderia me relatar qual é o seu sonho?

Expressões Do Ambiente Familiar (reconhecimento familiar e apoio)

1. Você é casada?
2. Tem filhos?
3. Qual o significado de família pra você?
4. Como você avalia o reconhecimento e o incentivo por parte da família na sua trajetória de vida?

5. Pode estar comentando como é como é administrar o trabalho e a família?